



ENCONTRO COM O OUTRO TRAJETOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

MARIJKE DE KONING • TERESA VASCONCELOS

Graal

ENCONTRO COM O OUTRO
TRAJETOS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

MARIJKE DE KONING • TERESA VASCONCELOS

Graal

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO

Graal

Rua Luciano Cordeiro, 24, 6º A

1150-215 Lisboa

Telefone: +351 213 546 831

Site: www.graal.org.pt

DATA

novembro de 2015

DESIGN E PAGINAÇÃO

Piso 6 - design e comunicação

ÍNDICE

Agradecimentos	7
Prefácio	9
Introdução	II
I. CONTEXTO (S)	15
II. O CHÃO OU AS "RAZÕES DE EXISTIR" DO PROJETO ECO	19
III. DO DISCURSO DO/A "JOVEM NO CENTRO" À CO-CENTRALIDADE DO/A JOVEM NA COMUNIDADE	25
IV. SÊ TU MESMO/A: CRIA-TE – FILOSOFIA E METODOLOGIAS ESTRUTURANTES DO TRAJETO PERCORRIDO COM OS/AS JOVENS	31
V. FILOSOFIA E METODOLOGIAS ESTRUTURANTES DOS PERCURSOS REALIZADOS COM ADULTOS	43
VI. RECONCEPTUALIZAÇÃO DOS CONCEITOS CHAVE ESTRUTURANTES DO PROJETO	55
VII. ECO-ANDO O PRESENTE NO FUTURO: PERSPETIVAS DE AÇÃO A EXPLORAR	73
VIII. ANEXOS	81
Anexo 1. <i>Pensar-entre</i>	83
Anexo 2. Entre <i>Chronos</i> e <i>Kairos</i>	85
Anexo 3. Textos-desafio para a <i>cidadania ativa</i>	87
Anexo 4. Para uma educação- <i>not-for-profit</i> num <i>espaço-entre</i> adultos	89
Anexo 5. Textos-Desafio para o trabalho voluntário	91

AGRADECIMENTOS

Agradecemos às nossas instituições parceiras, Agrupamento de Escolas da Golegã, Azinhaga e Pombalinho, Câmara Municipal da Golegã e Agrotejo (União Agrícola Norte e Vale do Tejo), pela colaboração e confiança.

Um especial agradecimento vai para **Lurdes Pires Marques**, Diretora do Agrupamento de Escolas da Golegã, Azinhaga e Pombalinho; para **Anabela Marques**, professora de Filosofia na Escola da Golegã, responsável pela biblioteca e pessoa de ligação entre a Escola e a equipa do Projeto; para **Alexandra Fernandes**, da Agrotejo e para **Fabiana Freire** do Gabinete de Ação Social da Câmara Municipal da Golegã.

Agradecemos a **Maria de São João Proença Coelho**, professora de História, aposentada e da mesma Escola, por ter assumido a função de coordenadora local num regime de voluntariado, criando e mantendo de uma forma eficiente as relações entre as instituições envolvidas, e estabelecendo outros contactos locais e na região, que permitiram realizar uma *liderança partilhada* entre todas as pessoas envolvidas na realização do Projeto. Agradecemos ainda às inúmeras pessoas da comunidade da Golegã por se terem envolvido connosco nesta aventura de *cidadania ativa* e criativa.

Agradecemos a **Liliana Teixeira Lopes**, avaliadora externa do Projeto *ECO*, o minucioso trabalho e aconselhamento na revisão do manuscrito desta publicação.

Agradecemos ao Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian por ter decidido em outubro de 2013 cofinanciar o nosso Projeto B11-200587 com 75% dos custos, após a nossa candidatura não ter sido selecionada no âmbito dos concursos do Programa Cidadania Ativa, como podemos ler no site da Fundação: www.bit.ly/vDODNv

Projetos Apoiados pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2013

Dada a grande mobilização em torno dos concursos do Programa Cidadania Ativa, não foi possível selecionar para apoio pelos EEA Grants um grande número de candidaturas de elevado mérito.

O Conselho de Administração entendeu selecionar para apoio com recursos próprios da Fundação os melhores projetos (conforme determinado através do método de seleção utilizado pelo Programa) que não foi possível apoiar no âmbito dos concursos de 2013 dada a grande procura.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN
CIDADANIA ATIVA



O Graal assumiu 25% do custo total do Projeto *ECO*, o que foi financeiramente sustentável graças ao trabalho voluntário de vários elementos da equipa responsável que contribuíram com 12.5% do custo total em horas de trabalho.

PREFÁCIO

Parceiros improváveis ou talvez não! Este Projeto nasce por iniciativa do Graal e tem como parceiros o Agrupamento, a Câmara Municipal da Golegã e a Agrotejo. Para uma pessoa desprevenida que, neste caso, significa não conhecer o trabalho do Graal, pode ficar de pé atrás, perguntando-se o que faz uma associação de agricultores com a escola, com o Graal... Para ser franca não fiquei surpreendida, quem conhece o Graal sabe que pode esperar tudo, sendo que este tudo encerra “o que vale a pena”, o que faz a diferença, o quebrar de fronteiras, estabelecendo contextos de intervenção na sociedade. Este era pois um bom prenúncio! Por isso fiquei imediatamente entusiasmada! E se há coisa de que as escolas precisam é de entusiasmo.

Atualmente os professores estão muito pressionados e angustiados com números, médias, resultados, *rankings* e pode haver o perigo de esquecermos os alunos enquanto pessoas, entendidos de uma forma holística, como se não fosse preciso ser feliz e estar equilibrado emocionalmente para ser bom aluno! Embora a vertente da Cidadania seja contemplada no *currículo* e saibamos que temos de formar cidadãos - pessoas conscientes, críticas, solidárias, tolerantes, conscientes das interdependências, as mais das vezes não é trabalhada de acordo com a sua importância e com o impacto que a forma como exercemos a cidadania tem na pessoa enquanto todo e que, necessariamente, há de ter repercussões no indivíduo, nas suas várias vertentes, incluindo o sucesso educativo e também na sociedade.

Perpassa, por vezes, nas escolas portuguesas um discurso de queixa, de lamúria, de fatalismo que tem um efeito muito negativo em todos, funcionando como bloqueio à mudança, à ação. Também não estou isenta de responsabilidades, incluo-me neste grupo pois, por vezes, caio no lamento... Os lamentos dos professores dividem-se, grosso modo, em dois grupos: resultados escolares e atitudes, sendo que estes dois fatores são interdependentes. Muitas vezes, esgotamos as energias a elencar comportamentos - falta de interesse, agressividade, intolerância à diferença, irresponsabilidade, falta de valores, individualismo, egoísmo, falta de objetivos, de projeto de vida, falta de espírito crítico - e a explicar as razões que estarão na base de tudo isto - pais sem tempo para os filhos, ausência de afeto com os pais, filhos “ditadores” habituados a ter tudo e a nunca ouvir não, excesso de tempo com computadores e outros *gadgets*... Falta assim muitas vezes passar da fase de diagnóstico à fase seguinte, procurar resposta, agir para resolver os problemas.

O Projeto - *ECO - Encontro com o Outro: Afeto Inclusivo e Cidadania Ativa* (título feliz), perfeitamente inscrito na matriz, nos objetivos do Graal, assume assim particular relevância, uma vez que passa à fase seguinte, agindo para atingir objetivos. Trata-se de um Projeto perfeitamente sustentado, adequado a uma realidade concreta, não se tratando de “pronto a vestir”, mas sim à medida, partindo do levantamento dos

problemas dos jovens desta comunidade, com a consciência de que estes constituem, obviamente, um problema complexo, com múltiplas implicações e, na perspetiva de Gaston Bachelard, formando um tecido de relações.

A metodologia utilizada não é a mais confortável, é exigente, no sentido em que dos participantes não se espera apenas que se sentem e sejam meros ouvintes passivos, os participantes são convocados para integrar espaços de interação, de reflexão, de cooperação, onde se estabelecem inter-relações. A ênfase é posta no processo de procura. Aliás a linguagem - trajeto, caminho, "viajar entre o eu e o Outro" dá conta exatamente da importância do processo, fazendo sentido os dois versos do poema de Antonio Machado "caminante, no hay camino, / se hace camino al andar". O encontro com o outro, que implica antes de mais o encontro consigo próprio, exige um percurso e é preciso dizer que as animadoras do Graal foram fundamentais para ajudar a caminhar.

Assim, o Agrupamento de Escolas de Golegã, Azinhaga e Pombalinho considera um privilégio ter sido parceiro neste Projeto e acredita que estão lançadas "neste *chão*" as sementes para que nasçam e cresçam frutos ou, nas palavras deste livro, para que ecoem.

Consideramos este "livro-desafio" - expressão das autoras Marijke de Koning e Teresa Vasconcelos - um bom livro de cabeceira para não adormecermos.

Lurdes Pires Marques

Diretora do Agrupamento de Escolas da Golegã, Azinhaga e Pombalinho

INTRODUÇÃO

[...] só em permanente reflexão se pode atingir o objetivo, sempre em ultrapassagem. [...] A tarefa abre-se ao que a antecede e a ultrapassa. Ao que foi e ao que virá. [...] O trabalho verdadeiramente humano e a história são, agora, um processo sem fim, com uma finalidade sempre inalcançada (Pires do Vale, 2012: 16-17).

O Projeto *ECO – Encontro com o Outro: Afeto Inclusivo e Cidadania Ativa* – foi uma iniciativa do Movimento do Graal, realizada na Golegã durante os anos 2014 e 2015, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e em parceria com o Agrupamento de Escolas da Golegã, Azinhaga e Pombalinho, Câmara Municipal da Golegã e Agrotejo (União Agrícola Norte e Vale do Tejo). Participaram neste Projeto jovens e adultos da comunidade da Golegã e de concelhos limítrofes.

A conceção do Projeto *ECO* foi fruto de um trabalho de investigação temática realizado durante um ano no âmbito do Programa *Raízes, Chão, Horizontes. Percursos e Círculos de Literacia Criativa e Recíproca*, em curso no Centro do Graal na Golegã desde 2012.

O Projeto emerge de uma auscultação e caracterização do contexto local e regional com especial incidência em questões sociais transversais que se manifestam nas vivências e nas culturas juvenis da maioria dos jovens desta comunidade. Os problemas encontrados foram enunciados pelos profissionais de educação, participantes no Programa *Raízes*, nos seguintes termos: violência na linguagem, intolerância, violência nas relações de género, ausência de um projeto de vida. As várias dimensões destes problemas constituem um problema social complexo.

Os problemas complexos são difíceis de definir com rigor, evidenciam interdependências e multi-causalidade, atravessam fronteiras organizacionais, são socialmente complexos, não têm solução clara e as soluções tentadas registam falhas crónicas e podem gerar novos problemas (Marques, 2014: 6).

Daí a importância de o Projeto *ECO* ter contado com a participação ativa de entidades parceiras e de um leque grande de pessoas e organizações locais, o que permitiu uma coordenação e cooperação que atravessou “fronteiras organizacionais” (ibid.: 6). Nesta “governança integrada” foi possível trabalhar em conjunto para a realização dos objetivos gerais do Projeto *ECO*: a promoção de valores democráticos, de tolerância e de luta contra as discriminações entre o público juvenil – do 9º ao 12º ano – do Agrupamento de Escolas acima indicado, envolvendo outros jovens da Golegã e de concelhos limítrofes.

Do trabalho realizado ao longo do Projeto resultam duas publicações, ambas em formato de livro e digital e traduzidas para inglês, permitindo uma divulgação além-

-fronteiras, através dos contactos internacionais do Graal, entidade promotora do Projeto e outros contactos. A presente publicação destina-se a pessoas interessadas em refletir e intervir na educação de adultos e jovens. A segunda publicação¹ é construída com os jovens e as jovens que participaram no Projeto.

Por se tratar simultaneamente de um livro impresso e de uma publicação em formato digital, fomos colocando referências “webgráficas” ao longo do texto. O registo das referências webgráficas no interior dos textos tem como objetivo conectar *in loco* o texto aos *links* de possíveis pesquisas. Estas referências foram retiradas ao longo da elaboração dos textos e verificadas no dia 1 de setembro de 2015.

Para mais informação sobre o Projeto e a ação realizada, sugerimos que sejam consultados os seguintes *sites*:

- www.graal.org.pt/projecto.php?id=21 •
- www.facebook.com/pages/ECO-Encontro-com-o-Outro/1485565291657091?fref=ts •

O *link* seguinte contém um vídeo de 17 de outubro de 2014 com uma primeira retrospectiva de atividades realizadas no âmbito do Projeto *ECO*: • www.bit.ly/iLsAtUo •

A presente publicação consiste numa sistematização de uma praxis educativa de ação e reflexão, enquadrada num campo teórico sempre em construção. Dirige-se a profissionais e voluntários de ação educativa, interessados em servir-se da nossa reflexão e teorização e talvez descobrir algumas pistas para o seu trabalho. Neste sentido esta publicação pode ser considerada um *livro-desafio*, com o qual esperamos contribuir para a intensificação do desejo de aperfeiçoar a praxis educativa.

A forma como este livro está estruturado permite a quem o utiliza “abrir janelas” e fazer escolhas de leitura em função dos seus interesses pessoais e do trabalho que pretenda realizar.

Há uma metodologia implícita na forma como trabalhámos na organização do material presente nesta publicação. Fomos compondo o texto passo a passo como se de uma manta de retalhos se tratasse, mudando várias vezes as possíveis combinações e interligações. Ao longo desta sistematização constatámos que a necessidade de ir trabalhando desta forma reflete que no Projeto *ECO* estivemos a lidar com um problema social complexo, o dos jovens-em-risco-de-violência. Um problema que não se compatibiliza com uma abordagem linear, mas antes circular: é preciso voltar muitas vezes ao que julgamos já ter aprofundado. Tal como na composição da manta: recortar mais um retalho e colocá-lo no lugar mais apropriado.

¹ *Ecoando... Com e para Jovens que CRIAM a diferença.*

Esta publicação está organizada nos seguintes capítulos:

I. Contexto (s)

Neste capítulo apresentamos o contexto em que o Projeto *ECO* emergiu, o Movimento do Graal em Portugal e também nos detemos um pouco no espaço do Graal na vila da Golegã, onde o Projeto se realizou. Incluímos uma curta “incursão histórica” do trabalho realizado com jovens neste Centro nos anos 80 do século XX, com o objetivo de traçar algo da evolução até ao tempo presente, em que cresce a complexidade do trabalho educativo com jovens.

II. O chão ou as “razões de existir” do Projeto *ECO*

Neste capítulo “pisamos o chão” do Projeto e exploramos as suas razões de existir numa perspetiva do *entre*, com o objetivo de sublinhar como as nossas raízes estão presas num solo, mas ao mesmo tempo estão soltas “no ar” das múltiplas conexões e transições em curso no mundo global e digital.

III. Do Discurso do/a “Jovem no Centro” à *Co-Centralidade* do/a Jovem na Comunidade

Este capítulo debate-se com o discurso do ser humano (criança, jovem, adulto) “no centro”. Debruça-se sobre a origem deste discurso, abordando um conjunto de conceitos retirados da teoria da atividade de Wenger (1998) e Konkola (2001)² e propondo uma mudança discursiva: a *co-centralidade* do/a jovem na comunidade.

IV. *Sê tu mesmo/a: Cria-te* – filosofia e metodologias estruturantes do trajeto percorrido com jovens

Neste capítulo tentamos fundamentar teoricamente a proposta de metodologia de trabalho realizado com jovens nas oficinas de *arte cidadã*. Este contexto educativo proporcionou um espaço em que foi possível experienciar a circularidade entre indivíduo e sociedade numa perspetiva de *artisticidade*. Apresentamos e reconceptualizamos o par conceptual *arte cidadã* à luz da *arte comunitária* e introduzimos o conceito *thirdspace*. A seguir recontextualizamos uma parte dos textos de apoio, utilizados no *workshop* sobre *arte cidadã* com a equipa e as entidades parceiras.

V. Filosofia e metodologias estruturantes dos percursos realizados com adultos

Como continuar a aprender na vida adulta? Apresentamos neste capítulo o que tem sido a filosofia estruturante e as metodologias utilizadas nos *workshops* e nas ações de formação realizadas com agentes educativos no contexto do Projeto *ECO*.

VI. Reconceptualização dos conceitos-chave estruturantes do Projeto

Cidadania ativa, *afeto inclusivo* e *arte cidadã* foram pares conceituais-chave no Projeto *ECO*. Os conceitos *cidadania ativa* e *afeto inclusivo* são aqui retomados para avaliar a sua pertinência e para perspetivar como trabalhar com estes conceitos em

² Ver referências bibliográficas no capítulo III.

práticas educativas com jovens e adultos. Importa refletir e agir numa perspetiva de *next practices*, e não apenas de *best practices*, o que significa tentar fortalecer os alicerces de uma “próxima prática” que pretende ir além de uma boa prática, além de um (bom) modelo já produzido e experimentado.

VII. ECO-ando o presente no futuro: perspetivas a explorar

Já com os olhos postos no horizonte da continuidade das dinâmicas *ECO*, serão aqui retomadas as brechas que o Projeto foi abrindo: 1. Desafios para uma educação-*not-for-profit* num *espaço-entre* adultos; 2. Desafios para o trabalho voluntário de jovens e adultos; 3. Ecoar caminhos de futuro possíveis; 4. *Finale*.

VIII. Anexos

Nesta última secção anexamos alguns textos que se relacionam com as temáticas abordadas e que poderão ser úteis noutros contextos de formação.

BIBLIOGRAFIA

- Marques, Rui (2014), *Problemas complexos e governação integrada*. Lisboa: Fórum para a Governação Integrada.
- Pires do Vale, Paulo (2012), Preâmbulo, in *Tarefas Infinitas. Quando a arte e o livro se ilimitam*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

WEBGRAFIA

- www.graal.org.pt/projecto.php?id=21
- www.facebook.com/pages/ECO-Encontro-com-o-Outro/1485565291657091?fref=ts
- www.bit.ly/iL3Dy04

I. CONTEXTO (S)

Texto e contexto se espelham e iluminam reciprocamente (Darcy de Oliveira, 2012: 21).

O GRAAL

O que me surpreende é o novo. O que me atrai é o futuro. O que me seduz é a promessa. [...] Era também essa sedução do novo que me levava a descobrir no Graal a possibilidade de viver novos modos da cultura e do culto. E encontrar aí a capacidade de inovação, as tarefas pioneiras, os gestos e as ideias de uma nova cultura (Pintasilgo, 2005: 17).

O Graal é um movimento internacional de mulheres motivadas pela procura espiritual e empenhadas na transformação do mundo numa comunidade global de justiça e paz, conforme o sentido simbólico da lenda que deu origem ao nome do movimento. É uma corrente de ideias e iniciativas partilhadas por mulheres de diversas gerações e culturas, que unem os seus talentos numa rede que amplia a capacidade para “mudar a vida”, respondendo aos sinais dos tempos e à realidade de cada lugar.

São objetivos gerais no Graal Internacional: Contribuir para uma cultura do cuidado, cuidado por si, pelos outros e pelo estado do mundo, onde a solicitude, a justiça e a paz sejam os fundamentos.

O Graal chegou a Portugal em 1957 com Maria de Lourdes Pintasilgo e Teresa Santa Clara Gomes. O Graal é uma organização não-governamental e constituiu-se em Portugal como Associação de Caráter Social e Cultural em 1977, reconhecida como Pessoa Coletiva de Utilidade Pública em 1985 • www.graal.org.pt •.

Teresa Santa Clara foi a pessoa que sempre sublinhou no Graal a importância de “criar contextos” - contextos de aprendizagem, de reflexão e ação, de intervenção na sociedade, de busca espiritual e celebração - com o objetivo de *iniciar processos* capazes de mudar a vida. Numa entrevista com Cecília Barreira, Teresa Santa Clara perspetiva o trabalho realizado pelo Graal em Portugal de seguinte forma:

(...) eu acho que o Graal foi, no nosso país, criador de contextos onde muitas jovens vieram a assumir a sua condição/situação de mulheres-geradoras-de-mudança (Barreira, 1993: 207).

A FUNDAÇÃO CUIDAR O FUTURO

Em 2001 a Associação Graal criou, por iniciativa de Maria de Lourdes Pintasilgo, a Fundação *Cuidar O Futuro*: • www.fcuidarofuturo.pt •.

O trabalho principal realizado nesta Fundação foi a organização do arquivo Pintasilgo que pode ser consultado online: [• www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Site/default.aspx](http://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Site/default.aspx) .

Além da organização do arquivo, foram desenvolvidos na Fundação vários programas de investigação e ação. O trabalho realizado num destes Programas, *Literacia Mulheres Liderança*, veio introduzir novas perspetivas metodológicas no trabalho de educação com jovens e adultos em contextos do Graal, nomeadamente no Projeto *ECO* [• www.fcuidarofuturo.pt/mulheres.html](http://www.fcuidarofuturo.pt/mulheres.html) .

O CENTRO DO GRAAL NA COMUNIDADE DA GOLEGÃ, CONTEXTO DO PROJETO *ECO*

Entre o passado e o futuro está o hoje onde se desvenda o sentido e onde se cria o sentido; movimento duplo (Pintasilgo, 1982).

Desde 1983 o Centro do Graal na Golegã foi o contexto de inúmeros programas e iniciativas de âmbito nacional e internacional.

Entre março de 1987 e outubro de 1988 realizaram-se neste Centro quatro programas de formação com jovens mulheres, oriundas do mundo rural do norte e centro de Portugal, no âmbito do Projeto *MODELO* (Mulheres Organizam-se para o DEenvolvimento LOcal) que decorreu entre 1985 e 1990 no norte do país. Escrevia uma das jovens após a sua participação num dos programas:

Estou como sempre a lutar pelo meu sonho, mas nesta aldeia é muito difícil conseguir alguma coisa. Mas eu **não vou desistir porque eu queria ter esse sonho realizado**.

O que foi importante naquela época? Podemos distinguir dois temas estruturantes na praxis educativa dos projetos naquele tempo: “Relação” e “Libertação”.

Na época em que decorreram os programas de formação no Projeto *MODELO*, “Relação” e “Libertação” foram palavras-chave em contextos educativos emancipatórios de *conscientização* de adultos/as e jovens. Entretanto, já nos anos oitenta do século XX estavam a ser cozinhados outros ingredientes que iriam modificar bastante a visão do mundo daquela altura, visão emancipatória e libertadora, mas solidária (Koning, 2014: 81-82).

O MUNDO DE HOJE

O que mudou durante o espaço de tempo que atravessámos desde 1988? Carlo Strenger, um psicanalista israelita com grande empenhamento político no processo de paz

no Médio Oriente, formula-o assim no seu livro *O medo da Insignificância* (2011): “Ser tocado por Deus foi substituído pela qualidade mágica de ser conhecido e admirado pelas massas” (Strenger, 2011: 67). Os sistemas religiosos foram substituídos pelo sistema *infotainment*, sistema de informação-entretenimento global, e pessoas consideradas celebridades substituem os santos e os profetas. A *Dunamis*, força interior que animava o desejo de libertação, sofreu a corrosão da mensagem dominante do sistema do *infotainment*, *Just Do It*, que não deixa espaço para limites, que sugere que é possível tudo alcançar • www.nike.com/us/en_us/c/justdoit •.

Esta ideologia do *Just Do It*, introduzida pela marca *Nike*, parece ser o novo ingrediente “emancipatório” que reforçou a “auto-centração”. As duas décadas do *Just Do It* criaram uma enorme riqueza material, segundo Strenger cada vez menos distribuída equitativamente.

Trinta anos depois do Projeto *MODELO*, quais as razões de existir do Projeto *ECO*?

BIBLIOGRAFIA

- Barreira, Cecília (1993). *Confidências de Mulheres. Anos 50-60*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Darcy de Oliveira, Rosiska (2012), *Elogio da Diferença. O Feminino Emergente*. Rio de Janeiro: Rocco LTDA.
- Koning, Marijke de (2014), *Entre Local e Global: Quem tem mercy on us?*, in Teresa Martinho Toldy, Fernanda Henriques (Org.), *Visões de Justiça a partir das Teologias Feministas “... que não haja indigentes entre vós.” – da dignidade e do porvir*”. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, 78-99. Disponível online em: www.bit.ly/tFJsfv6
- Pintasilgo (1982). Conferência *Graal 25 Anos em Portugal*. Arquivo Graal.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (2005), *Palavras Dadas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Strenger, Carlo (2011), *O medo da insignificância. Como dar sentido às nossas vidas no Século XXI*. Alfragide: Lua de papel.

WEBGRAFIA

- www.graal.org.pt
- www.fcuidarofuturo.pt
- www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Site/default.aspx
- www.fcuidarofuturo.pt/mulheres.html
- www.nike.com/us/en_us/c/justdoit

II. O CHÃO OU AS "RAZÕES DE EXISTIR" DO PROJETO ECO

Recorremos à metáfora do *chão* por duas razões. Em primeiro lugar porque a metáfora *chão* revela a prioridade de partir da realidade concreta (ter os pés na terra) e não de ideias ou desejos desligados desta realidade. Em segundo lugar porque o Projeto *ECO* surge no Programa *Raízes, Chão, Horizontes. Percursos e Círculos de Literacia Criativa e Recíproca*, em curso no contexto da Golegã desde 2012.

Mas há uma razão mais fundamental. A metáfora *chão* é etimologicamente rica quando recorremos à tradução da palavra "degenerar" nas línguas germânicas, como no Neerlandês³. Degenerar é um afastamento da "origem", do "ser", daquilo que se pode ou se devia ir sendo (sempre a devir). Este afastamento do "ser" do ser humano, nomeadamente dos/as jovens em risco de violência, é o que queremos "lavar" no Projeto.

PROBLEMA SOCIAL COMPLEXO

No tempo que passou, o que se foi afastando da sua "origem", o que se foi "degenerando" no *chão* do nosso mundo?

O *chão* do Projeto *ECO* é um *chão* que se estende entre local e global, onde se foi e vai germinando o problema social complexo de jovens em risco de um empobrecimento humano lento, corrosivo e cada vez com raízes mais profundas, difíceis de detetar. Não é um problema de fácil classificação "que se cola ao que nos incomoda ou que nos ultrapassa", mas:

[...] só compreendendo a natureza perversa (*wicked*) destes problemas, poderemos escapar a uma de duas armadilhas: a de não reconhecer alguns problemas como complexos e, conseqüentemente, agir como se fossem simples e lineares, com soluções mecanicistas; ou, por outro lado, simplesmente desistir perante tal complexidade, condicionados pela convicção de que não há nada a fazer (Marques, 2014a: 7).

RAÍZES NO CHÃO DE QUE MUNDO?

Num espaço de tempo de cerca de 25 anos o contexto foi mudando de forma cada vez mais acelerada, como espelham os seguintes registos da inventariação temática

³ Sendo uma das coordenadoras desta publicação de língua neerlandesa, propomos uma pequena "excursão" nesta língua, em que "degenerar" se traduz por "ontaarden". "Aard" significa "genus", que é a raiz latina da palavra "degenerar". Mas a palavra "aard" em neerlandês tem etimologicamente a mesma raiz que "aarde", "terra", no sentido mais antigo de "aert", de "terra lavrada". Do significado "terra lavrada" ("ploegland") evoluíram os significados de "origem", e de "género".

no Programa *Raízes, Chão e Horizontes - Círculos e Percursos de Literacia Criativa e Recíproca*, que definiu o *chão* do problema complexo que nos propomos trabalhar no Projeto *ECO*:

Perspetiva do mundo global em cifrões. Libertinagem; adaptação à moda; falta de formação interior. Valorização do individual pelo individual; não há consciência; as coisas não são refletidas. Trata-se de forma igual o que é diferente. O vazio.

Pais não têm tempo para filhos. Abandono das crianças; tempo nulo com os pais. Perda de contato afetivo com os pais. Crianças não sabem viver com o “não”; pais dizem a tudo que sim. Cada um/a faz o que quer; falta de sentido de dever (faz parte da matriz). Ser mãe é um prazer imediato; não há alteridade; é muito permissiva com a criança.

Reprodução da família (aparência social; papéis estereotipados rapazes e raparigas).

A Escola: é preciso tirar rendimento da Escola; estamos a destruir o nosso país. Apatia; Má educação; Crianças não conhecem o mundo; fuga a tudo que é chato; nada as comove.

Ao entrar recentemente numa loja de informática, fomos confrontadas com a seguinte mensagem: “Winning is everything” de *Steel Series*, marca de materiais informáticos e jogos digitais que, num vídeo, convida “to rise to the challenge: it is all about dedication, obsession and passion” • <http://steelseries.com> •

Que desafios haverá a redescobrir além do “desafio” de todos e todas nos tornarmos “winners” e “fat egos”, por definição à custa de outros? A expansão do *ego*, do *fat ego*, (Kunneman, 2005: 18), figura contemporânea consumista, competitiva, virada para si, é uma edição pervertida do indivíduo autónomo e livre. A expansão desenfreada do *ego*, de “formas gordas de autonomia”, pode fazer esquecer valores morais como solidariedade, respeito e tolerância.

Em junho de 2013 os problemas inventariados e relacionados com a violência na linguagem, com a valorização do individual pelo individual, com a permissividade e a falta de sentido de dever, com a falta de diálogo e de tolerância intergeracional e intercultural, temas estruturantes da participação cívica ativa e consistente numa perspetiva de cidadania mundial, levaram-nos à formulação do Projeto *ECO*, com o objetivo de tirar mais rendimento da Escola através de dinâmicas de educação não-formal em contextos da Comunidade Educativa Local. Pretendeu-se desenvolver o tecido social do concelho da Golegã nas suas componentes humanas e culturais, tendo como ponto de partida a comunidade escolar. Optámos por uma especial incidência nas questões do *afeto inclusivo* e *arte cidadã* – conceitos teóricos explorados durante o trabalho expe-

rimental em oficinas de *arte cidadã* com jovens e *workshops* com adultos, explorando as brechas para uma cidadania mais ativa.

RAÍZES NO AR, À PROCURA DE HORIZONTES

As raízes no ar são um sentimento insólito de libertação (Darcy de Oliveira, 2012: 22).

Strenger constata que a ideologia do *Just do it* impediu que vivêssemos as nossas vidas com significado e, na esteira de Jaspers, lembra que é a capacidade de enfrentar situações-limite que nos permite lidar com as tragédias das nossas identidades individuais e coletivas. E que é isso que traz sentido para as nossas vidas.

A nossa situação existencial é de um artista que nunca pode adquirir os materiais para a sua criação de acordo com um plano concebido previamente; mas como aquele que faz *bricolage* devemos pegar nos materiais que encontramos à nossa volta e tentar transformá-los na criação da nossa vida (Strenger, 2011: 115).

Mobiliza a expressão “aceitação ativa de si mesmo” que implica “aceitar o chamamento existencial para sermos o que podemos ser” (ibid.: 134). Passo a passo, abrindo para pensar e agir e não *Just Do It*.

Que sonhos têm os jovens e as jovens de hoje? Quais são as condições e potencialidades de novas viagens de aprendizagem quando o mundo de hoje se caracteriza por um poder de interligação global determinante na construção das identidades? Será que neste mundo tão menos local – ou tão mais global – vamos conseguir criar novas formas de solidariedade e construir uma cidadania mundial? Que ética pode unir em contextos que valorizam os laços do *local*, mulheres, homens, jovens e crianças que vivem num espaço tão *global*? Há lugar para o Outro? Como reaprender e reorganizar sem nos perdermos na complexidade? Como organizar a aprendizagem do *afeto inclusivo* para que possa ser estruturante na ordenação de uma *polis* justa, eticamente sustentada, não apenas por leis, mas por uma *Weisung* (Buber), uma “indicação” benéfica, uma ajuda frutífera na orientação e construção do caminho de vida de cada um/a nas comunidades locais globalizadas a que pertencemos, uma vida ao encontro do Outro?

O trabalho educativo realizado no contexto do Projeto *ECO* teve como objetivo contribuir para uma reflexividade libertadora. Entramos num tempo de raízes no ar, num espaço-tempo fluido onde se cruzam as transições do nosso mundo-entre-local-e-global, onde vamos à procura de materiais significativos no processo de *bricolage* das nossas vidas em obras de arte.

ENTRE

No Projeto *ECO* apostámos num percurso metodologicamente atravessado por dimensões do *entre*, do estar-entre, do agir e *pensar-entre*⁴. Entre passado e futuro: ir recriando o sentido do que nos move. Entre pessoas e entidades: improvisar e sintonizar. Entre tradição local e globalização: diversificar e canalizar. Entre eu e o outro: criar proximidade. Entre eu e o mundo: a escrita de si mesmo e a pluralidade. Entre agir e pensar: um novo *ethos*. Entre *Chronos* e *Kairos*⁵: criar tempo para a inspiração. Entre ética e estética: transformar a vida numa obra de arte. Serão estes os ingredientes do trabalho de reconstrução da *cidadania ativa*.

No *espaço-entre* procuramos explorar as sinergias existentes e repensar o espaço em torno de nós, que muitas vezes ainda funciona com limitação de fronteiras que não fazem sentido, nomeadamente entre pessoas e organizações que colaboraram enquanto entidades parceiras, como no presente Projeto *ECO*. O *pensar-entre* poderá aqui encontrar um novo contexto e constituir uma dinâmica inspiradora.

O QUE SE PASSA NO ENTRE?

É necessário abordar o *entre* num sentido filosófico, isto é, como um espaço a ocupar de uma forma sentida e refletida. Maria Helena Varela, inspirando-se em Deleuze, tal como Rosi Braidotti, defende que a questão que se deve colocar à filosofia, não é mais a questão sobre as origens, nem sobre o destino, mas sim, seria pertinente perguntar “O que se passa *entre*?” (Varela, 1998: 503). O presente é por definição um *tempo-entre*. Rosi Braidotti pergunta, em 2010, no final de uma comunicação intitulada “Cartographies of the present”:

Como podemos ser dignos dos tempos em que vivemos? Como nos empenhar com o presente no modo de resistência? Resistência sem negatividade. Como reconstruir a intimidade entre nós e o mundo em que vivemos? • <http://vimeo.com/24517619> •

No Projeto *ECO* foi nosso desejo deixarmo-nos moldar por estas grandes questões. O que importa, ainda segundo Braidotti, é “deixar cair (...) todo o desejo de não mudança” (Braidotti 2004: 69). Se uma pessoa não sair de si, se não iniciar o movimento até ao Outro, se não aguentar o *entre* do próprio movimento, se não tentar pensar o

4 Ver Anexo 1. *Pensar-entre*

5 Ver Anexo 2. Entre *Chronos* e *Kairos*

Outro, se não o incluir na “teia” dos seus afetos, se não se deixar desafiar para sair dos seus padrões de pensar e agir, sem tudo isto não há relação.

O ENTRE COMO BASE DA DEMOCRACIA

A relação de afeto entre pessoas é a base da democracia. Porque é em relações de afeto que as pessoas aprendem como se podem relacionar de uma forma ética com a alteridade. Segundo Luce Irigaray há nestas relações espaço para acomodar a negatividade e a agressividade. Tonja van den Ende argumenta que, para aumentar a nossa sensibilidade em relação à alteridade, temos de negociar constantemente com as outras pessoas e que Luce Irigaray nos abre um grande portal. Se não aguentarmos este *entre* não há condições para a construção da democracia.

Segundo Tonja van den Ende, Luce Irigaray tenta sair das abstrações sobre a vida boa (em sociedade) para chegar ao cerne da conversa capaz de iniciar a reflexão sobre as questões formuladas mais acima por Rosi Braidotti: “o que significa para ti e para mim viver bem e como podemos fazer isto em conjunto” (Ende, 1999: 10). “É preciso começar ‘de baixo para cima’, a partir de relações concretas entre indivíduos” (ibid.:11). Os modos de lidar com diferenças para chegar a igualdades forma a base da democracia. É preciso proporcionar espaços de conversa entre pessoas muito diferentes, para poder redefinir o que constitui o “humano” (Koning, 2014: 144).

ENTRE IMPROVISAR E SINTONIZAR

Em janeiro de 2013 constatámos no Programa *Raízes, Chão e Horizontes – Círculos e Percursos de Literacia Criativa e Recíproca* que “estamos no fim de um ciclo, que vivemos numa panela de pressão, que é preciso preparar e viver um novo ciclo” e perguntámo-nos: Estamos preparados/as para uma nova política e para participar em redes de partilha? Para que novas soluções? É preciso reaprender a organizar.

Hans Boutelier, professor catedrático de Segurança e Cidadania na Vrije Universiteit de Amsterdão, propõe pistas de reorganização numa “Sociedade de Improvisação” (2011). A improvisação constitui o caminho de ordenamento social num mundo sem fronteiras. A arte da improvisação implica sintonização, como num concerto de música jazz. É preciso definir bem os papéis, a cooperação não faz sentido se toda a gente faz a mesma coisa. O ordenamento social, que permita a continuidade da sociedade, desenvolve-se numa multiplicidade de práticas e terá de ser construído a partir da complexidade em que horizontalidades e verticalidades estruturam o espaço. Implica lideranças leves, mas também uma ética que vai balizando as diversas improvisações

e sintonizações. São ainda características deste tipo de sociedade: a espontaneidade introduzida numa estrutura organizativa no momento certo; a identidade em relação a uma tradição; os conhecimentos e as competências com o objetivo de poder haver mais “excelência”; a capacidade de criar um sentimento de comunidade.

O Projeto *ECO* foi possível devido à capacidade da entidade promotora e das entidades parceiras de entrar num regime de “governança integrada”, o que implica ultrapassar as fronteiras bem definidas das suas estruturas, evitando “a resposta burocrática tradicional em ‘silos’...” (Marques, 2014b: 6). Foi preciso ultrapassar a “pesada herança da cultura burocrática, dificilmente desmantelável, a que se acrescenta a proteção da ‘minha quinta’, do ‘meu orçamento’, o medo de perder o poder ou a falta de conhecimento sobre uma visão global dos problemas complexos” (ibid.: 8).

BIBLIOGRAFIA

- Boutelier, Hans (2011), *De improvisatiemaatschappij. Over de sociale ordening van een onbegrensde wereld. (A sociedade de improvisação. Sobre o ordenamento social de um mundo sem fronteiras)*. Den Haag: Boom Lemma uitgevers.
- Braidotti, Rosi (2004), *Op Doorreis. Nomadisch Denken in de 21^{ste} Eeuw. (Em trânsito. Pensar Nómada no século XXI)*. Amsterdam: Boom.
- Darcy de Oliveira, Rosiska (2012), *Elogia da Diferença. O Feminino Emergente*. Rio de Janeiro: Rocco LTDA.
- Ende, Tonja van den (1999), *In levende Lijven. Identiteit, lichamelijkheid en verschil in het werk van Luce Irigaray. (In the flesh. Identity, embodiment and difference in the works of Luce Irigaray)*. Leende: Damon.
- Koning, Marijke de (2014), Entre corpos. Afeto inclusivo, in Fernanda Henriques, Teresa Toldy, Maria Luísa Ribeiro Ferreira (org.), *Quem me tocou? O corpo na simbólica religiosa. Contributos das teologias feministas*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 143-156.
- Kunneman, Harry (2005), *Voorbij het dikke-ik. Bouwstenen voor een kritisch humanisme. (Além do eu gordo. Elementos para um humanismo crítico)*. Amsterdam: Uitgeverij SWP.
- Marques, Rui (2014a), *Problemas Sociais complexos: Desafios e respostas. Conferência Internacional 11-12 de julho de 2014. Atas da conferência*. Lisboa: Fórum para a Governança Integrada.
- Marques, Rui (2014b), *Problemas complexos e governança integrada*. Lisboa: Fórum para a Governança Integrada.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (2005), *Palavras Dadas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Strenger, Carlo (2011), *O medo da insignificância. Como dar sentido às nossas vidas no Século XXI*. Alfragide: lua de papel.
- Varela, Maria Helena (1998), João Guimarães Rosa: Uma filosofia entre Margens, in *Cultura. Revista de História e Teoria das Ideias*. Vol.1998. II^a Série. Lisboa: Universidade Nova, 503-521.

WEBGRAFIA

- www.steelseries.com
- Braidotti, Rosi (2010). "Cartographies of the present": www.vimeo.com/24517619

III. DO DISCURSO DO/A "JOVEM NO CENTRO" À *CO-CENTRALIDADE DO/A JOVEM NA COMUNIDADE*

UM DISCURSO NEOLIBERAL

O presente capítulo debruça-se de forma crítica sobre o discurso dominante da “pessoa no centro” - crianças, jovens ou adultos -, desconstruindo esse discurso, que consideramos neoliberal, à luz de uma teoria crítica e pós-moderna. Esse discurso tem vindo a ser importado de uma certa racionalidade anglo-saxónica. Sugere-se o regresso ao conceito de criança/jovem/adulto membro de uma comunidade. Através de um conjunto de conceitos teóricos - “conjuntos complexos”, “fronteira” e “agência-relacional” - demonstraremos como a ideia de “jovem ao encontro do outro” - no caso do presente Projeto -, faz sentido, ao falarmos de um/a jovem inserido/a num conjunto intrincado de interações e responsabilidades. Por conseguinte substituiremos o conceito de “jovem no centro” pelo de “*co-centralidade do/a jovem na comunidade*”.

Torna-se necessário haver uma mudança de referências no campo pedagógico e problematizar o discurso dominante subjacente às práticas educativas. Como conceber o lugar do indivíduo na sociedade, nomeadamente o lugar dos jovens e das jovens, de modo a que se possam tornar seres-com-os-outros em vez de seres-contra-os-outros ou indiferentes-aos-outros? O facto de se sublinhar a *multi-causalidade do/a jovem na sua comunidade* - e não o/a “jovem no centro” -, pode constituir-se na problemática que deu origem ao presente Projeto: a resolução violenta de conflitos entre jovens e a intolerância ao que é “diferente”. De um modo mais global representa uma subtil crítica à ideologia dominante das sociedades de hoje, nomeadamente do hemisfério Norte, discurso esse que está a ser “exportado” para o Sul, adulterando práticas educativas e culturais bem mais saudáveis, baseadas na interdependência, no “encontro com o Outro” e na construção da comunidade.

No segundo capítulo do já referido livro, *O Medo da Insignificância: Como dar sentido às nossas vidas no século XXI* (ver capítulo I), Carlo Strenger (2011) considera que se torna importante que se mantenha e revitalize a pequena comunidade para que haja ligação com as comunidades mais amplas nas quais esta se deve colocar de modo interdependente. Bruner (1996) considera que a maior criação humana é a cultura, afirmando que não há cultura sem uma pertença a uma comunidade.

ADULTOS QUE ENQUADRAM E ESCUTAM

Hoje o estudo do desenvolvimento é considerado como um processo cultural com um duplo sentido: o desenvolvimento do/a jovem é cultural porque ele habita um meio de empreendimento humano construído ao longo de séculos, em que o/a jovem é encorajado/a a participar de formas culturalmente determinadas - tais como falar, comportar-se, pensar e sentir -, mediadas pelas suas relações com o Outro... e com o adulto. Afirma Manuel Pinto:

Quer do ponto de vista dos sujeitos e das suas competências e capacidades, quer do ponto de vista da sociedade em que eles se inserem e das respetivas exigências e expectativas, é razoável considerar não ser indiferente, por exemplo, pertencer ao sexo masculino ou feminino, ter três, sete, doze ou dezasseis anos, tal como não é a mesma coisa nascer num bairro de lata ou num "berço de oiro," crescer numa sociedade desenvolvida ou num país do terceiro mundo, num meio urbano ou suburbano ou numa zona recôndita da montanha, numa família alargada ou numa família monoparental, ser filho único ou ter mais irmãos, etc. (Pinto, 1997: 63).

Os/as jovens como atores sociais competentes no seu próprio processo de socialização requerem, dos adultos - tal como afirma Manuela Ferreira ao falar das crianças (2004):

uma atenção especial às relações de dominação e hegemonia cultural, protagonizadas por si nos [respetivos] contextos. Por isso se o objetivo for a promoção da escola e das comunidades como um espaço de educação e de exercício de cidadania dos jovens, importa que os adultos adquiram uma atitude reflexiva de natureza sociológica que lhes permita ler as práticas juvenis, na sua diversidade, como objetos de conhecimento social (...). No respeito pelos direitos de cidadania dos jovens, reconhecer a sua voz é fundamental, mas ir mais longe obriga, ainda, a envolvê-los, informá-los, consultá-los e ouvi-los naquilo que são decisões respeitantes a uma parcela importante das suas vidas, dando assim corpo a conceções dos jovens como cidadãos no presente e não como futuros cidadãos (adaptado de Ferreira, 2004: 415-416).

DESLOCANDO O/A JOVEM DO "CENTRO"...

A perspetiva de colocar a ênfase no/a jovem (ou na criança), apenas a nível individual é um argumento, "não que esteja errado, apenas está incompleto" (Vasconcelos e Walsh, 2001: 500). O lugar-comum de que "cada criança, cada jovem, cada adulto é especial, único - 'o centro!'" - contribui para a perda daquilo que tem formado o ser

humano ao longo de mais do que 150.000 anos de existência: a consciência da nossa interdependência.

Constatamos o perigo de uma busca narcísica de felicidade individual, de “ter” em vez de “ser”. Assistimos ao condicionamento dos jovens e das jovens para se tornarem vorazes devoradores de coisas: uma dispersão que provoca mais dispersão, numa espiral destruidora. O imediatismo da sociedade em que vivemos põe o “Eu quero” no centro da nossa vida, convertendo o “Outro” apenas num objeto que vemos em termos do nosso próprio prazer ou da nossa vantagem.

Perguntamos se o/a jovem é realmente “o centro” ou se fará parte de um universo claramente “policêntrico”? O/a jovem é parte de um rico universo de interações que o/a estimulam e, simultaneamente, o/a limitam. O Projeto *ECO* pretende ajudar o/a jovem a *des-centrar-se*. No Projeto *ECO* o/a jovem é “co-central”, mas não é “o centro”. Os adultos escutam e tentam enquadrá-lo/a na comunidade.

UMA EDUCAÇÃO CENTRADA NO PROFESSOR

Reconhecemos que prevaleceu no universo educacional durante dezenas de anos uma educação centrada no professor com ênfase numa aprendizagem mecânica a qual perpassou o universo educacional durante dezenas de anos e negou a individualidade da criança ou do/a jovem. Reagindo a esse modelo reconheceu-se a criança ou o/a jovem como centro da sua própria aprendizagem. A psicologia ocidental, com os seus diversos esquemas de análise, foi ajudando a explicar o desenvolvimento do ser humano. Mas Vygotsky abriu as portas para a noção de desenvolvimento em interação. A sociologia veio também despertar para a existência de inúmeras culturas juvenis e das múltiplas possibilidades contextuais. Mas, tal como sugere Strenger (2012), o pêndulo balançou demasiadamente para o lado oposto da mera individualidade, esquecendo que esta se desenvolve em interação.

Colocar a criança ou o/a jovem no centro foi uma reação a uma educação e currículo centrados no professor e esta perspetiva dominou durante muitos anos a pedagogia. No entanto, o nosso argumento é que a ideologia da criança ou do/a jovem “no centro” precisa de ser questionada nas sociedades de hoje, nas famílias, escolas, comunidades. Um discurso centrado na comunidade e que, simultaneamente, não aliene o indivíduo, oferece uma alternativa ao discurso centrado apenas no indivíduo.

DE REGRESSO À COMUNIDADE...

Conjuntos complexos

Fernandéz (1986) fala de “todos complexos (*complex wholes*)” quando discute o conceito de comunidade de um ponto de vista antropológico. Segundo Fernandéz, o “todo”, seja ele qual for, é um estado de inter-relação – “uma espécie de experiência de convivialidade” (p. 163). Cita Blake (1969), que considera a comunidade como “a coisa intelectual por excelência” (p. 179).

Se pretendemos, no contexto do Projeto *ECO*, questionar o discurso dominante de uma educação “centrada no/a jovem”, torna-se necessário dar ênfase, em contraponto, ao discurso da comunidade. O saber é criado no contexto da prática social, em processos de negociação e diálogo, em situações da vida corrente (Bruner, 1990).

Cada membro de uma comunidade de aprendentes vai mais longe porque aprende numa comunidade de prática (Wenger, 1998). Assim, insistimos, cada jovem é *co-central*, mas não é o centro. Os/as jovens vivem num mundo de interações. O centro do ato educativo é uma rede intrincada de relações à qual o/a jovem pertence.

Zonas de fronteira

O conceito de *zonas de fronteira* é um conceito importante para realçar a dinâmica da vida em comunidade. A proposta de “ultrapassar a segurança de um abrigo institucional” ou de “quadros de referência” pode levar ao reconhecimento da educação de crianças e jovens como um projeto que ajuda a fazer convergir diferentes e variadas formas de a “ver” e “conhecer.” Trata-se de um conceito inicialmente introduzido pela antropologia social e cultural, alargado pela sociologia e, mais recentemente, introduzido na pedagogia (Vasconcelos, 2009).

Segundo Frazão (2014) a metáfora de fronteira corresponde bem ao espírito de trânsito, ao mesmo tempo ligeiro e dramático, que caracteriza o nosso tempo:

trânsito do centro uno para as múltiplas aberturas, do definitivo e completo para o permanentemente aberto, do essencial a representar para o possível, ainda por inventar, da grande história universal às narrativas regionais e biográficas, do categorial para o processual, do sentido já dado para o sentido ainda a fazer” (Frazão, 2014: 95).

Mais adiante Frazão afirma que “um único centro, fixo, acabado, estático, garante de todo o sentido entre origem e destino, deixou de fazer parte da grande imagem cultural e individual que temos de nós mesmos” (ibid.: 96). Segundo Frazão “a fronteira que nos tirou do centro poderá ser o lugar que nos convém como casa” (ibid.: 130). Esta

nova “casa” é um convite a ajudarmos os jovens e as jovens a viverem em situações de fronteira.

Acreditamos que a educação é um campo privilegiado de cruzamento de fronteiras. Muito temos a fazer num país em que cada serviço, departamento, estrutura de educação e, mesmo, organizações da sociedade civil, vivem cada qual em seu “quintal” bem murado e protegido, sem garantir a eficácia da ação através de uma real “abertura de fronteiras” com vista a um trabalho articulado e mais eficaz.

Outro conceito importante para entendermos este novo paradigma de fronteira é o conceito de *agência relacional*.

Agência relacional

Segundo Edwards (2005) a *agência relacional* é

a capacidade de trabalhar com os outros, de expandir o objeto em que o sujeito está a trabalhar e a tentar transformar, reconhecendo e tendo acesso a recursos que outros trazem, à medida que respondem e interpretam o objeto. É uma capacidade que envolve reconhecer que a outra pessoa pode ser um recurso e que precisa de ser feito um trabalho para obter, reconhecer e negociar o uso desse recurso para melhor o sujeito se poder alinhar em ação conjunta com o objeto. Oferece uma versão aumentada e desenvolvida do sentido de agência pessoal e, como capacidade, pode ser aprendida (Edwards, 2005: 172).

A *agência relacional* contrapõe-se ao conceito mais limitado introduzido por Giddens nos anos 80 de agência por parte de um adulto ou de um/a jovem, numa perspetiva apenas individual. A *agência relacional* é um trabalho que se realiza através de interações, e só através delas se pode ter impacto na mudança de situações sociais. Parece-nos poder afirmar que, contrapondo à imagem do/a jovem no “centro” a *agência relacional* sugere um acento na responsabilidade, na interdependência, nos recursos da comunidade.

À medida que procurarmos “ter acesso aos recursos que os outros trazem” e vice-versa, torna-se possível uma rentabilização de saberes físicos, humanos e institucionais, de modo a cultivar nas sociedades e grupos em que nos movemos esta *agência relacional*. Aprender a trabalhar em *agência relacional* e “dando nós” (Konkola, 2001) parece-nos ser a única via para, de modo útil, trabalhar com e sobre os/as jovens.

UMA NOVA CIDADANIA?

No Projeto *ECO* procurámos ajudar os/as jovens a terem um forte sentido de si próprios/as – que nenhuma criança ou jovem cresça com “nuvens de inferioridade nos seus céus mentais”, como ouvimos um educador americano afirmar. Mas, simultaneamente, criámos condições para os/as jovens aprenderem a liberdade através de uma *liderança transformacional* e de uma *cidadania organizacional* (Alarcão, 2013). Este facto pressupõe trabalhar os direitos dos/as jovens dentro de uma comunidade de adultos responsáveis e de estruturas que sirvam os/as jovens: o seu processo implica formas de organização e *lideranças partilhadas*.

Tentámos ainda que, no Projeto *ECO*, o/a jovem aprendesse uma atitude de hospitalidade, enquanto acolhimento do outro, afirmação das diferenças – e não mera aceitação -, trabalhando enquanto ser capaz de ser agência e, simultaneamente, desenvolvendo uma *agência relacional*.

BIBLIOGRAFIA

- Alarcão, Madalena (2013), in Seminário do Conselho Nacional de Educação. Lisboa, 23/04/2013. Seminário do Conselho Nacional de Educação. Lisboa, 23/04/2013.
- Bruner, Jerome (1990), *Acts of Meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Edwards, Anne, (2005), Relational agency: Learning to be a resourceful practitioner, in *International Journal of Educational Research* 43, 168-182.
- Fernández, James W. (1986), The argument of images and the experience of returning to the whole, in V. W. Turner & E. M. Bruner (Ed.), *The Anthropology of Experience*. Urbana and Chicago: The University of Illinois Press, 159-187.
- Ferreira, Manuela (2004), “A Gente Gosta é de Brincar com os outros Meninos”: *Relações sociais entre crianças num jardim de infância*. Porto: Afrontamento.
- Frazão Correia, José (2014), *Entre-tanto*. Lisboa: Paulinas.
- Konkola, Robert (2001), Developmental process and inter-ethnic and boundary-zones activity, in T. Tuomi-Gröhn & Y. Engeström (Eds), *Between School and Work: New perspectives on transfer and border crossing*. Oxford: Pergamon.
- Pinto, Manuel (1997), A Infância como Construção Social, in M. Pinto e M.J. Sarmento (org.), *As Crianças: Contextos e identidades*. Braga: Universidade do Minho (Centro de Estudos da Criança).
- Rorty, Richard (1989), *Contingency, irony and solidarity*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Strenger, Carlo (2011), *O Medo da Insignificância: Como dar sentido às nossas vidas no século XXI*. (The Fear of Insignificance: Searching for Meaning in the Twenty First Century). Lisboa: Lua de Papel.
- Vasconcelos, Teresa (2009), *A Educação de Infância no Cruzamento de Fronteiras*. Lisboa: Texto.
- Vasconcelos, Teresa & Walsh, Daniel (2001), Conversations around the Large Table: Building community in a Portuguese public kindergarten, in *Early Education and Development*, vol. 12, number 4, 499-522.
- Vygotsky, L. S. (1986), *Thought and Language*. Cambridge, MA: M.I.T. Press.
- Wenger, Etienne (1998), *Communities of Practice: Learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press.

IV. SÊ TU MESMO/A: CRIA-TE – FILOSOFIA E METODOLOGIAS ESTRUTURANTES DO TRAJETO PERCORRIDO COM OS/AS JOVENS

Olá!

Sim! Tu aí! Ei? Estás a ouvir este *ECO*?!

Está a chegar até ti! Consegues ouvir-nos?! Aqui: estas vozes juntas!

Sim! És tu mesmo/a! Queremos ir ao teu ENCONTRO!⁶

Porque pode uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte e a nossa vida não?

(Foucault, 1995: 261).

CIRCULARIDADE ENTRE INDIVÍDUO E SOCIEDADE

Promover a *co-centralidade* do/a jovem na comunidade implica intensificar a “circularidade entre indivíduo e sociedade” (Pintasilgo, 2011: 374) e criar contextos educativos em que é possível experienciar que é na convivência com outros que uma pessoa “se cria” e se torna si-mesmo, porque, como lembra Maria de Lourdes Pintasilgo:

[...] o indivíduo isolado é uma abstração: a sua convivência com outros na família, no trabalho, nas inúmeras ocasiões de cruzamento e comércio da vida contemporânea, suscita gestos inéditos, porventura novos valores e novos posicionamentos (ibid.: 375).

E, ainda segundo Maria de Lourdes Pintasilgo no seu texto “Às gerações futuras se destinam as mensagens” - texto trabalhado pelos/as jovens num registo de *artisticidade* no âmbito do Projeto *ECO* - é preciso criar condições para que as pessoas possam “pela sua capacidade de se organizarem” apropriarem-se do conceito de Qualidade de Vida (Pintasilgo, 2005: 59).

Tem sido um objetivo inerente e estruturante das oficinas de *arte cidadã* realizadas com jovens no Projeto *ECO*, suscitar gestos inéditos para promover a Qualidade de Vida⁷, tanto em termos pessoais, como comunitários.

6 Palavras de abertura da publicação elaborada com os/as jovens participantes no Projeto. Esta segunda publicação do Projeto *ECO*, intitulada *Ecoando... Com e para Jovens que CRIAM a diferença*, apresenta e ilustra o percurso realizado.

7 A melhoria sustentada da qualidade de vida, o respeito pelos limites da capacidade da terra e a capacidade de cuidado pelo outro foram os objetivos que inspiram a visão da Comissão Independente sobre a População e a Qualidade de Vida, presidida por Maria de Lourdes Pintasilgo. Publicou em 1998 o relatório *Cuidar o Futuro. Um programa radical para viver melhor*. Como afirma Maria de Lourdes Pintasilgo no Prefácio: “Gostaríamos, também, que esta tentativa de

ARTISTICIDADE

Artistry, aqui traduzido por *artisticidade*, palavra que não consta nos dicionários da língua portuguesa, é um conceito desenvolvido no âmbito das Ciências da Educação por Donald Schön no seu livro *The Reflective Practitioner* (1983), em que o autor propõe “desafiar profissionais a repensar o papel do conhecimento técnico à luz do conceito *artistry*, no desenvolvimento de excelência profissional”

• https://en.wikipedia.org/wiki/Reflective_practice •

No seu artigo “*Artistry in education*”, Elliot W. Eisner (2003) argumenta, como podemos ler no resumo do artigo no *link* referido a seguir, que

a principal missão da educação é a preparação de artistas. O conceito de arte utilizado aqui não se limita às artes plásticas, mas é utilizado para tudo o que é realizado com qualidade. Objetos, processos e ideias, sejam práticos ou teóricos, exigem juízo estético, dependem de habilidade técnica, exigem atenção e dependem da imaginação. (...) esses processos cognitivos, tão importantes nas artes, são extremamente importantes em todas as esferas da vida hoje. Como as escolas estão marcadas por políticas bem-intencionadas, mas muitas vezes mal informadas que padronizam e homogeneizam o processo de escolarização, *artistry* pode servir como um remédio importante contra a mecanização

• www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00313830308603?journalCode=csje20#Vcnh_sLbLIU •

Na experiência realizada no âmbito do Projeto *ECO artisticidade* é um conceito esclarecedor do que pretendíamos desenvolver nas oficinas de *arte cidadã*.

ARTE CIDADÃ = ARTE COMUNITÁRIA?

A *arte cidadã* é uma *arte comunitária*, mas não se trata de pares conceptuais equivalentes.

A *arte comunitária* é definida pela escultora Jeannette Claessen (2012) da seguinte forma:

[...] uma arte que se desenvolve a partir de uma cooperação mais ou menos intensiva entre um(a) artista e uma comunidade [...] tem raízes na arte popular [...] move-se entre dois extremos. [...] O/a artista cria o projeto e num certo momento do projeto a comunidade se implica nele (Claessen, 2012: 105).

elaboração de uma nova visão estimulasse a ação a todos os níveis: [...] ao das pessoas envolvidas na educação, de modo que possam procurar conceitos e métodos alternativos [...]” (p. XIII). Foi o que tentámos fazer também no Projeto *ECO*.

Segundo esta artista plástica a *arte comunitária* apresenta-se como um *continuum* com dois extremos: num extremo está o/a artista, noutro a comunidade. A função do/a artista é a de “facilitador/a que se ocupa da conceção do projeto e do seu desenvolvimento em conjunto com todos os participantes” • www.mosaica.nl/?l=es •

Um exemplo de *arte comunitária* é o trabalho desenvolvido por Jeannette Claessen com uma pequena comunidade em Espanha:

- www.mosaica.nl/arte_comunitario-bijvoorbeeld-bayacas •
- <http://elarbodelavidabayacas.blogspot.pt/> •
- <http://liderancaspartilhadas.blogspot.pt/2010/10/el-arbol-de-la-vida.html> •

No Projeto *ECO* optámos por uma abordagem em que o/a artista e a comunidade podem iniciar o projeto artístico juntos/as. Apostámos numa abordagem de *arte comunitária* em que não valorizamos a distinção entre os polos do *continuum*, como faz Claessen, mas consideramos o *continuum* um *espaço-entre* em que todos/as se movem numa dinâmica de *artisticidade*, que intitulámos *arte cidadã*.

ARTE CIDADÃ: CONCEPTUALIZAÇÃO INICIAL

Na conceção do Projeto *ECO* definimos a *arte cidadã* de seguinte forma:

A *arte cidadã* é uma arte com raízes locais, construída numa perspetiva de mobilização da participação nas comunidades a partir de materiais de desperdício e materiais naturais e com respeito pelos recursos naturais e da arte produzida na zona, incluindo o artesanato.

A *arte cidadã* procura contribuir para o aumento da qualidade de vida e da coesão social. Faz um apelo à imaginação, alarga horizontes e pretende tocar as pessoas, fazendo-as descobrir que conseguem fazer mais e melhor do que pensam, dando cor à vida e fazendo acontecer coisas inesperadas. A *arte cidadã* orienta-se numa perspetiva coletiva em que todos participam e em que se valoriza sobretudo o processo. O produto final é mais do que os diferentes “produtos” individuais porque é fruto da interação entre os indivíduos e destes com o meio imediato numa perspetiva transformadora.

RECONCEPTUALIZANDO A ARTE CIDADÃ

A *arte cidadã* é uma forma de *arte comunitária*, tal como definida por Claessen:

Arte en el contexto del trabajo comunitario refiere a todas las formas de manifestación creativa como artes plásticas, baile, música, teatro, cine, literatura, etc. que tienen en común que desafían los participantes en expresarse libremente. Trabajar a través del arte con habitantes de barrios o participantes de otros grupos significa usar capacidades que mucha vez no han sido tocadas antes. Porque la expresión creativa es directa y sale del subconsciente, la información que se genera es pura y auténtica (Claessen, 2012: 105).

A *arte cidadã* distingue-se, a nosso ver, da *arte comunitária* da seguinte forma: na *arte cidadã* a obra resultante do trabalho artístico é menos importante enquanto produto, mas é em primeiro lugar relevante enquanto processo de interação entre todas as pessoas envolvidas. Realiza-se numa dinâmica de *agência relacional* (ver capítulo III). A *artisticidade* - o saber-fazer-com-qualidade, a realização de tarefas com atenção e carinho, o cultivar e cuidar do bem comum e não apenas de interesses pessoais - constitui a competência fundamental no processo participativo e é estruturante de uma atitude de *cidadania ativa*. A "obra artística" é na *arte cidadã* o pensar e agir em função da qualidade de vida individual e coletiva, inspirada por uma sensibilidade estética e pelo desejo de incluir o outro e o diferente no afeto.

A comunicação pode criar ou não criar comunidade:

La comunicación puede incluir o excluir, invitar o rechazar, crear respeto o crear falta de respeto, crear compasión o crear odio, crear comprensión o crear incomprensión y charlatanería, puede unir o dividir, sanar o herir. Entonces, la comunicación tiene una gran fuerza dentro de distintos tipos de relaciones, grupos y comunidades (ibid.: 103).

A *arte cidadã* é uma arte de comunicação, no Projeto *ECO* atravessada pelo *Encontro com o Outro* e o *afeto inclusivo*. Assim, a *arte cidadã* não pode não criar comunidade. Move-se num *continuum* entre dois polos: entre a *comunicação como arte* e a *arte como comunicação*.

PROJETO *ECO*: UM *THIRDSPACE*?

Trata-se, na *arte cidadã*, de promover experiências de *artisticidade* e de criar um espaço de encontro que, na esteira de Edward Soja, professor de planejamento urbano e geógrafo cultural, talvez possa ser considerado como *thirdspace*

• https://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Soja •

Um *Thirdspace* é um conceito transcendente que está em constante expansão para incluir “um-Outro”, permitindo assim a contestação e renegociação dos limites e identidade cultural • https://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Soja#Thirdspace_cultural .

Segundo Maaik de Haardt (2013):

Thirdspace é uma forma de olhar e interpretar que contém tanto a dimensão real e concreta da cidade (*Firstspace*), como o nível da imaginação, das imagens simbólicas (*Secondspace*). *Thirdspace* ultrapassa a contradição hierárquica entre *Firstspace* e *Secondspace* e integra ambos os espaços numa outra realidade, numa outra perspetiva. [...] O *Thirdspace* emerge nas margens do evidente, no inesperado. No *Thirdspace* acontecem novas ligações e formam-se novas alianças. Estabelece-se uma base para a solidariedade e constroem-se novas pontes (Haardt, 2013: 115).

PERSPETIVAS TEÓRICAS DO CAMPO DOS ESTUDOS ARTÍSTICOS

Para dar conta das perspetivas teóricas que sustentaram as oficinas de *arte cidadã* com jovens no Projeto *ECO*, recontextualizamos aqui alguns excertos da tese de mestrado de Lucinda Saldanha⁸. São múltiplas as perspetivas teóricas de estudos artísticos que inspiraram o trabalho realizado nestas oficinas por Lucinda Saldanha, Margarida Figueiredo e Júlia Bentes. Como já referido, o percurso realizado é relatado numa publicação autónoma, construída com os/as jovens participantes.

Na esteira de Foucault: a vida como obra de arte

O que me surpreende é que na nossa sociedade a arte se tenha tornado algo apenas relacionado com objetos e não com pessoas ou com a vida, que a arte seja feita por especialistas que são artistas ou seja que seja algo especializado. Entretanto, não poderia a vida de todos transformar-se numa obra de arte? Porque pode uma lâmpada ou uma casa ser um objeto de arte e a nossa vida não? (Foucault, 1995: 261)

No Projeto *ECO* procuraram-se desenvolver estratégias criativas que exemplifiquem as possibilidades de os seres humanos se inventarem a si mesmos, na recriação da

⁸ Recorremos a textos de apoio organizados por Lucinda Saldanha para o workshop de *arte cidadã* com a equipa do Projeto e representantes das entidades parceiras. Estes textos foram adaptados da sua tese de mestrado em Estudos Artísticos: Saldanha, L. (2012), *Performar a Maior Idade. O Projeto Paródia da Vida*. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Lucinda Saldanha foi uma das animadoras do Projeto *ECO* e corresponsável pelas oficinas de *arte cidadã*.

experiência de vida, na invenção e construção de si mesmos como sujeitos, capazes de usar a sua liberdade e de não se sujeitarem ao poder estabelecido, às “normas” e amarras da existência. Como refere Foucault: “Já que o ‘eu’ não nos é dado, creio que há apenas uma consequência prática: temos de nos criar a nós mesmos como uma obra de arte” (ibid.: 262).

O Projeto *ECO* pretende explorar a criação de modos de existência e estilos de vida capazes de resistir e escapar aos dispositivos de fixação de identidades individuais, transformando a vida numa obra que se faz performativamente, de modo autêntico e a cada instante.

Estética da existência

O Projeto *ECO* aponta para a necessidade de cultivar as “tecnologias do eu”, de “cuidar de si” e de “se ocupar de si mesmo”, presentes na proposta da estética da existência (Foucault, 1984): o olhar do sujeito para dentro de si mesmo, pela reflexão sobre a experiência emocional vivida; a dimensão expressiva, na expressão e dizer de si mesmo, usando a linguagem e, por fim, a dimensão narrativa, na qual o sujeito se coloca como personagem da sua própria história, “numa escrita de si mesmo”. A busca da autorreflexividade surge, assim, neste Projeto, como um caminho de invenção, que anuncia as possibilidades criativas da transformação das formas de viver, dentro dos limites contingentes e “contra as formas de sujeição” (Foucault, 1995).

Corpo

As pessoas até já não se lembram que o seu corpo constitui o limiar, o átrio, de onde constroem o seu universo” (Luce Irigaray, 1984, citada em Ende, 1999).

Nesta perspetiva de Estética da Existência apostámos, nas oficinas de *arte cidadã* num *modelo polimórfico das artes*, compreendendo as várias linguagens artísticas, como formas expressivas de criação e de integração, privilegiando-se uma aprendizagem experiencial e vivencial, *através do corpo*, numa *abordagem performativa* das realidades sociais a transformar.

Nas oficinas de *arte cidadã*, partimos de uma *experiência do corpo* e de uma metáfora sintetizadora de sentidos múltiplos, por exemplo a metáfora da mandala, para depois se alargar essa experiência ao desenvolvimento de uma consciência crítica sobre o mundo e a realidade que habitamos. Trabalhar a partir do corpo, assumindo a mandala como metáfora de um centro, estimulou-nos a compreender criticamente o que é viver no “centro” e na “periferia”, na vida pessoal e na vida comunitária, assim como as diferentes razões interiores que levam as pessoas a viver “focados/as”, cons-

cientemente do lugar onde vivem, ou seja, centradas e enraizadas, bem como as consequências deste comportamento individual na comunidade e na sociedade como um todo.

Uma “nota de campo”, colocada na página do Projeto *ECO* no dia 5 de junho de 2015, refere a importância do aprender com o corpo:



“Memórias do Encontro *ECO* desta semana, dia 3 de Junho: estivemos a pensar e a sentir sobre o que serão: lugares de ENCONTRO e lugares que estimulem a nossa CRIATIVIDADE! Depois, no momento de CRIAÇÃO, vivenciamos diferentes estratégias: relaxamento, visualização criativa e imaginação guiada, para depois, utilizarmos a MANDALA, como símbolo de centração, de foco e de concentração. Foi um ENCONTRO muito relaxante e vívido, onde nos encontramos connosco mesmo/as e tivemos a oportunidade de ESCUTAR e APRENDER com o nosso corpo!”

Estética do quotidiano

No Projeto *ECO* procurou-se, na esteira de Certeau (1996), entender o quotidiano como uma “construção poética” e como “invenção”, sem o compreendermos apenas como rotina ou acomodação, mas sobretudo como um *lugar criativo de possibilidades*.

Esta procura do que é aparentemente invisível, do que fica à margem, esquecido e pouco valorizado numa sociedade marcada pela ideologia do *Just do it* do consumo e do espetáculo, constituiu-se como uma opção central. Conhecer os interstícios da vida quotidiana, o material vivo da existência e criá-lo, integrando-os neste processo artístico, revela as condições que abrem a possibilidade de transformação e mudança.

Acontecimento: descontinuidade do quotidiano

O Projeto *ECO* apresentou-se como um processo relacional de troca coletiva, construtor coletivo de sentidos múltiplos, numa ligação direta com acontecimentos. Estes constituem-se como uma descontinuidade *do quotidiano* e poderão abrir a possibilidade de trazer o quotidiano relacional para o mundo da arte e transformar o acontecimento aparentemente banal da vida do dia-a-dia, em algo extraordinário, explorando como a

arte poderá tornar-se significativa na experiência quotidiana, e como a subjetividade dos sujeitos envolvidos poderá ser reconstruída.

Arte Pobre

Arte Povera (Arte Pobre), movimento artístico nascido em Itália, na segunda metade da década de 60 do século XX, questionou criticamente a influência do modernismo, da revolução industrial e da tecnologia, por entender que estes contribuíram para destruir a importância da experiência humana, subjetiva, única e original. Muito para lá das respostas prontas e estritamente racionais e utilitaristas a questões humanas e existenciais, o Projeto *ECO* procurou desconstruir estas respostas “prontas a dar”, valorizando o mistério, a atenção ao aprofundamento e à simplicidade de um processo de descoberta, apesar da complexidade. Introduzindo a aparente “banalidade das coisas”, o quotidiano, a rotina, como “verdadeira arte”, procurou-se estimular, à maneira deste movimento, um olhar para as coisas sob uma nova luz, fazendo questionar a dicotomia entre arte e vida.

Uma das características centrais da *Arte Povera* constitui-se na utilização de materiais simples, comuns e naturais, que se evidenciam pela sua banalidade, “inutilidade” ou pobreza, próprios da vida quotidiana, não convencionais, e a procura de processos artesanais, de contato direto e próximo com os materiais, contrastando-os com objetos artificiais de consumo rápido, em série, uniformes, da cultura de consumo.

Usaram-se objetos comuns que pudessem evocar uma era pré-industrial - como terra, pedras, roupa, trapos, papel, jornais, sacos, madeira, cordas, areia, carne, frutos - a par do interesse numa arte mais ligada à fisicalidade e materialidade, próxima das formas e materiais da vida quotidiana, que pudessem apresentar-se como postulados do Projeto *ECO*. Estes postulados podem indicar caminhos para uma reflexão que ajude a ultrapassar as distinções e dicotomias entre arte e vida quotidiana, tal como entre natureza e cultura/uso de matéria viva, duração efémera, decomposição, ritmo natural do tempo e dos tempos da vida artificialmente transformados pela vida moderna.

O *artista*, tal como é apresentado por este movimento, não é aqui perspetivado na sua distância com o mundo e com os outros, nem como um técnico ou um especialista, mas como um co-construtor de experiências dialógicas, reais e concretas; um criador de situações inusitadas e surpreendentes, geradas pelos materiais e objetos encontrados no quotidiano, que estimulam a vivência e a contradição, e um facilitador participante da interação humana, para uma “experiência completa da arte”, no “sacrifício performativo do banal, do comum, do objeto da vida quotidiana” (Celant, 1967)

• www.flashartonline.it/article/arte-povera •

Democratização da arte e arte ampliada

The whole process of living is my creative act.

Cada pessoa é um[a] artista. (Joseph Beuys, 1995).

A *estética da existência* e a *estética do quotidiano* sugerem-nos uma prática artística pautada por uma grande abertura, proximidade e democraticidade, que advoga que todos somos criadores e autores da nossa existência, imersos na prática do quotidiano. Logo, todos nós somos criadores e podemos usar a nossa existência como uma obra criativa, utilizando como material todos os estímulos quotidianos. Podemos considerar que o pensamento de Joseph Beuys é paradigmático quanto a esta ideia, pois aponta para uma conceção de “arte ampliada”, que ignora e pretende tornar menos nítidas as fronteiras entre as várias esferas da existência e a esfera da vida, foco central do processo no Projeto *ECO*. Este Projeto procurou evidenciar o pensamento de Beuys, na medida em que valorizou a experiência como uma *ação/performance* artística que questiona, refletindo as barreiras entre artistas e não artistas, analisando a perspetiva de que todas as pessoas possuem capacidades criadoras

• www.margencero.com/articulos/new/joseph_beuys.html .

Arte relacional - uma arte do Encontro com o Outro?

Segundo Nicolas Bourriaud (2006), as práticas artísticas contemporâneas consideram o intercâmbio humano como objeto estético em si, uma *estética relacional*, na qual a arte somente ganha vida e forma, na medida em que suscita interações, relações e processos sociais. Neste contexto, a arte contemporânea passa a ser uma relação a experimentar, uma realidade a ser vivida, ou seja, “uma forma de arte que tem como base principal a intersubjetividade e como tema central o estar juntos, a elaboração coletiva do sentido e da arte como lugar de produção de uma socialidade específica” (Bourriaud, 2006: 67).

A forma do processo artístico nascerá, pois, de uma negociação, de uma partilha, a partir da qual se inicia o diálogo (Bourriaud, 2006). Noutros termos, o que se procurará desenvolver, em primeiro lugar, serão as relações entre as pessoas e o mundo, por intermédio de objetos estéticos e experiências vividas. Inicia-se uma “conversa” e uma troca relacional, que se revelará como obra performativa, inacabada e aberta: “it is not (only) what you see that is important, but what takes place between people” (Bourriaud, 2009: 89).

Utopia de proximidade

O Projeto *ECO* tentou apontar para a “utopia de proximidade” a que se refere Bourriaud (2006: 3), numa sociedade contemporânea caracterizada por uma rede de relações cada vez mais reduzida, assente na ânsia da mercantilização e consumo, dentro de espaços de relações estandardizadas e virtualizadas, em sujeitos formatados pela homogeneização da cultura. Como pode o sujeito contemporâneo reinventar e produzir novos sentidos e provocar acontecimentos que produzam sentido?

Arte cidadã enquanto exercício comunitário no Encontro com o Outro

O Projeto *ECO* procurou revalorizar e evocar o passado, a memória, a comunidade, a relação de proximidade e a vivência humana, para além do paradigma industrial e tecnológico moderno e de um modelo de sociedade tecnocrata. Um projeto desta natureza tem um potencial político, pode ser uma forma de resistir às macro-narrativas da arte moderna e quebrar a divisão artificial entre arte e vida.

O processo artístico coletivo, consistiu num exercício comunitário em que foi possível problematizar e renegociar as relações entre a arte e a vida, no encontro com o Outro. É através da participação do Outro, seja no coletivo comunitário ou na instituição Arte, que as relações entre arte e vida se podem revelar como forças de ação performativa e artística. Estas práticas questionarão os espaços naturalizados para a arte (museu e galeria), explorando experiências e espaços alternativos e, sobretudo, espaços de vida quotidiana e existencial, num processo dinâmico e inacabado.

BREVES NOTAS SOBRE O PERCURSO REALIZADO NAS OFICINAS DE ARTE CIDADÃ

A metodologia desenvolvida neste Projeto revelou-se como um processo sempre aberto e inacabado, em constante transformação, seguindo a orientação constante e estrutural de que a partir da experiência vivida e da sua expressão se chegaria à criação de metáforas, reveladoras de múltiplos sentidos para as vivências e elas mesmas catalisadoras de transformações e de novas criações.

Os/as jovens, num clima emocional envolvente e seguro, foram desafiados/as em cada uma das oficinas a experienciar primeiro no e com o seu corpo, advogando-se que a aprendizagem acontece com o corpo todo (orgânico, visceral, sensorial, psicológico, interior, emocional), de uma forma integrada e holística (pensamentos, memórias, vivências, sentimentos, emoções e ações). Partindo da sua experiência pessoal e única, seguindo a “escuta de si mesmo/a e do seu corpo”, os/as jovens foram desafiados/as a criar metáforas, para “dar forma”, expressar e comunicar o vivido. A partir destas

metáforas seguia-se para uma partilha em torno do símbolo, para se alargar esta experiência vivida no corpo, para o “corpo” do grupo e daí para o “corpo” da comunidade e da sociedade, facilitando-se uma consciência do que primeiro acontece consigo e em si mesmo/a, para a consciência crítica e ampliada do que poderá acontecer com o Outro.

PRIMEIRA OFICINA: JUVENTUDE E APARÊNCIA - SÊ TU MESMO/A: CRIA-TE!⁹

Para esta oficina tomaram-se por base postulados psicológicos, artísticos e sociais, que perspetivam a identidade como uma construção humana desenvolvida em interação com os diversos contextos, e como um processo de criação dinâmico, contínuo, aberto e em desenvolvimento ao longo do ciclo vital, bem como uma narrativa de sentido e de significado. A oficina foi, então, orientada para criar um espaço seguro e amplo de partilha, interação, experimentação, e de auto e hétero-conhecimento, bem como de *conscientização*, de desenvolvimento de sentido crítico, facilitador da emergência de sujeitos, que não se deixam assujeitar e que possam escapar à homogeneização, à normalização e à fixação de uma identidade individual fechada ou pré-formatada.

Para tal, propôs-se a criação de um dispositivo relacional, de um caminho de criação livre, ativo, participativo, relacional, colaborativo e de subjetivação, numa lógica de democratização da arte, de uma relação imbricada e de encontro renovado entre arte e vida, em torno de questões-estímulo - “O que somos? O que queremos/podemos mostrar? Como mostrar quem somos?” - que convocam abertamente o quotidiano, as experiências de vida e o material autobiográfico.

As oficinas orientaram-se por uma *ética* e uma *estética da existência*, tal como foi proposta por Foucault (1984), que se refere à impossibilidade de o “eu” nos ser dado. Esta estética desafia a necessidade premente de cada ser humano se criar a si mesmo, como se de uma obra de arte se tratasse, num processo autorreflexivo, aberto, sempre inacabado e por fazer, concretizando-se num sujeito original, diferenciado e singular, em constante processo, para além das categorias sociais, em autocriação crítica.

Noutros termos, o que se procurou desenvolver, em primeiro lugar e dentro da lógica da arte relacional, foram as relações entre os/as jovens e o mundo, por intermédio de objetos estéticos e experiências vividas.

Neste processo, os/as jovens foram desafiados/as a criar ideias, pensamentos, símbolos, metáforas, que se constituíram como uma síntese criativa e integradora do vivido na oficina, expressas e comunicadas numa fase posterior numa linguagem artística (música, teatro/*performance*, fotografia, collage, modelagem, vídeo/cinema, escrita/poesia, instalação, desenho/pintura, reciclagem...).

⁹ No livro *Ecoando... Com e para Jovens que CRIAM a diferença* podem consultar os objetivos e o plano desta oficina.

BIBLIOGRAFIA

- Beuys, Joseph, Bodenmann-Ritter, Clara (1995), *Joseph Beuys: cada hombre, un artista: conversaciones en Documenta 5-1972*. Madrid: Editorial Visor.
- Bourriaud, N. (2006), *Estética Relacional*. Buenos Aires: ed. Adriana Hidalgo.
- Bourriaud, N. (2009), *Altermodern Explained Manifesto*. Tate Triennial 2009: Tate Britain.
- Celant, Germano (1967), Appunti per una Guerriglia, in *Flash Art*, n.5.
Disponível online em: www.flashartonline.it/article/arte-povera
- Certeau, M. (1996), *A Invenção do Quotidiano 2: Morar, Cozinhar*. Petrópolis: Vozes.
- Claessen, Jeannette, (2012), Vitamina C para Comunidades. Comunicación como arte e arte como comunicación, in Cláudia Múrias & Marijke de Koning (Coords), *Lideranças Partilhadas. Percursos de Literacia para a Igualdade de Género e a Qualidade de Vida*. Porto: Livspic & Fundação O Futuro, 99-112.
Disponível online em: https://docs.google.com/file/d/0B5cGL_ZGoWGQdmRGQowtSkJNYnc/edit
- Comissão Independente sobre a População e a Qualidade de Vida (1998), *Cuidar o futuro. Um programa radical para viver melhor*. Lisboa: Trinova Editora.
- Eisner, Elliot W. (2003), Artistry in Education, in *Scandinavian Journal of Educational Research*, Volume 47, Issue 3, pages 373-384.
- Ende, Tonja van den (1999), *In levende Lijven. Identiteit, lichamelijkheid en verschil in het werk van Luce Irigaray. (In the flesh. Identity, embodiment and difference in the Works of Luce Irigaray)*. Leende: Damon.
- Foucault, M. (1984), *Une Esthétique de l'existence. Entretien avec A. Fontana. Dits et écrits II (1976-1988)*. Paris: Gallimard.
- Foucault, M. (1995), Sobre a Genealogia da Ética. Uma Revisão do Trabalho, in Paul Rabinow, Hubert Dreyfus, *Michel Foucault. Uma Trajetória Filosófica. Para além do Estruturalismo e da Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Haardt, Maaike de (2013), *Raam op het zuiden (Janela sobre o sul)*. Zoetermeer: Uitgeverij Meindema.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (2005), *Palavras Dadas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (2011), *Para um novo paradigma: um mundo assente no cuidado*. Porto: Edições Afrontamento.
- Saldanha, L. (2012), *Performar a Maior Idade. O Projeto Paródia da Vida*. Tese Mestrado Estudos Artísticos: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

WEBGRAFIA

- <http://elarbodelavidabayacas.blogspot.pt/>
- <http://liderancaspartilhadas.blogspot.pt/2010/10/el-arbol-de-la-vida.html>
- https://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Soja
- https://en.wikipedia.org/wiki/Edward_Soja#Thirdspace
- www.bit.ly/1L3KzOx
- https://en.wikipedia.org/wiki/Reflective_practice
- www.flashartonline.it/article/arte-povera/
- www.mosaica.nl/arte_comunitario-bijvoorbeeld-bayacas
- <http://bit.ly/1TcfWN8>
- www.margencero.com/articulos/new/joseph_beuys.html

V. FILOSOFIA E METODOLOGIAS ESTRUTURANTES DOS PERCURSOS REALIZADOS COM ADULTOS

NA ESTEIRA DA HANNAH ARENDT: PROMOVER A CONSTRUÇÃO DA *POLIS*

(...) na cidade, o ser humano não é apenas o observador mais ou menos atento, muitas vezes cético e indiferente, outras vezes analista político de ocasião. A cidade (figura da *polis*) é o lugar onde o ser humano emerge como sujeito.

Por isso, ao falar de ação, coloco-me deliberadamente na esteira da filósofa Hannah Arendt, isto é, não na obra que cada pessoa realiza no seu domínio próprio mas na ação em que se envolve na construção da cidade enquanto sociedade organizada (Pintasilgo, 2011: 208-209).

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o facto original e singular do nosso aparecimento físico original. Não nos é imposta pela necessidade, como o labor, nem se rege pela utilidade, como o trabalho. Pode ser estimulada, mas nunca condicionada, pela presença dos outros em cuja companhia desejamos estar; o seu ímpeto decorre do começo que vem do mundo quando nascemos, e ao qual respondemos começando algo de novo por nossa própria iniciativa (Arendt, 2001: 225).

Exatamente pela característica de autorrevelação, a pessoa que age precisa do domínio público. O agir não pode realizar-se no escondido. (...) Hannah Arendt mostra que a *polis* grega (...), o domínio público, tem a sua origem no agir em conjunto de seres humanos, numa “comunidade de palavras e atos”. A quem este espaço fica vedado é-lhe tirada uma parte da realidade humana, a realidade de ser reconhecido pelos outros, de desenvolver poder em conjunto com outros para assim dar forma às ‘coisas humanas’. O agir tem lugar dentro de uma rede de relações humanas e histórias de vida. Comparado com o produzir de coisas, com o criar do mundo material, o agir é muito vulnerável. Não é dominável, nem previsível; no agir estamos sempre dependentes de outras pessoas e por isso o resultado final nunca é fixo. Além disto, o agir é ilimitado; um ato pequeno e considerado não importante, pode ter consequências tremendas e imprevisíveis” (Achterhuis 1998, citado em Koning 2006: 63).

Foi com esta filosofia da “ação”, da “participação na *polis*”, do “segundo nascimento”, do “começar algo de novo”, proposta por Hannah Arendt, que iniciámos em 2014 o Projeto *ECO* na comunidade da Golegã, comunidade que constitui a *polis*, a praça

pública, o lugar onde se realizou o Projeto e através do qual esperamos contribuir para que os seres humanos possam emergir como sujeito. Foi nesta perspectiva que procuramos utilizar metodologias de trabalho educativo com adultos, que permitissem este emergir de sujeitos numa praxis de reflexão e ação, como propõe o pedagogo brasileiro Paulo Freire.

Foram realizados no contexto do Projeto *ECO* os seguintes percursos com profissionais de ação educativa, representantes das entidades parceiras e equipa do Projeto:

- Três *workshops* com a duração de três horas cada, com a equipa do Projeto, representantes das entidades parceiras e outras pessoas interessadas da comunidade da Golegã. Nestes *workshops* foram abordadas as seguintes temáticas: *Lideranças Partilhadas e Intervisão, Afeto Inclusivo e Comunicação Autêntica e Arte Cidadã*;
- Dois *workshops* com a duração de seis horas com assistentes operacionais de ação educativa. O primeiro sobre *A importância da afetividade na aproximação aos jovens* e o segundo sobre *O papel do afeto na educação de crianças e jovens*;
- Duas ações de formação com a duração de 30 horas cada, com docentes do ensino básico e secundário dos concelhos da Golegã e limitrofes, com a temática *Encontro com o outro: afeto inclusivo, comunicação autêntica e linguagem não violenta*;
- Um *workshop* com a duração de 6 horas, aberto a profissionais da educação fora do concelho da Golegã, sobre os temas estruturantes do Projeto: *Encontro com o outro - Afeto Inclusivo, Arte Cidadã e Cidadania Ativa*.

CONSCIENTIZAÇÃO

A promoção da participação é exigente e tem ciência (Rui Marques, 2014: 11).

A *conscientização* é o conceito central nas ideias sobre a educação do pedagogo brasileiro Paulo Freire • http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire •.

A filosofia de *conscientização* de Paulo Freire constitui uma referência incontornável no trabalho educativo com adultos/as e jovens nos diferentes contextos do Movimento do Graal. Todos esses trabalhos do Graal assentam implicitamente na filosofia e metodologia da *conscientização* deste pedagogo brasileiro e apenas variam em originalidade, conteúdos e grupos de participantes.

A *conscientização* é o processo educativo que permite ao indivíduo desenvolver uma consciência crítica ativa e integrar-se numa ação de transformação. Segundo Freire (1971), a “conscientização é antes de mais um ato de conhecimento. Implica a revelação gradual da realidade (...)”. Sendo a palavra “verdadeira”, ação e reflexão, é preciso (aprender a) dizer a palavra para que ela possa transformar o mundo. É um

trabalho que pretende que as pessoas possam crescer tanto em liberdade, como em responsabilidade assumida:

As pessoas só são livres na medida em que criem em si um referencial e ajam em função dele, movimentando-se no interior de um campo de forças dado. Daí o carácter obsoleto das ideologias e da adesão simplista a códigos formais (Pintasilgo, 1985: 229).

Sendo a *conscientização* o processo que leva o indivíduo de um estado de consciência ingénuo (acrítica, submissa) a um estado cada vez mais avançado de consciência crítica ativa, ela é um ato eminentemente cultural, pela dialética que o sujeito estabelece com a situação, numa recíproca transformação permanente (Koning, 2005: 95-96).

LITERACIA

Mais recentemente temos usado a formulação *literacia* na designação dos projetos, em vez de *conscientização*, nomeadamente no já referido Programa *Raízes, Chão e Horizontes*, no qual, através da construção de diversificados *Percursos e Círculos de Literacia Criativa e Recíproca*, se pretende contribuir para uma educação outra, para uma praxis transformadora, para a qualidade de vida das populações e para o aprofundamento da democracia.

Este Programa tem como objetivo geral promover uma participação crítica e criativa de jovens e adultos no espaço público, aprofundar valores e contribuir para a descoberta de talentos, saberes, competências e capacidades, muitas vezes escondidos e não mobilizadas. Como já referido, foi no âmbito deste Programa que surgiu o Projeto *ECO*.

A *literacia* indica um processo fluido de aprendizagens sucessivas, um “processo permanente e contínuo de evolução” (Damásio, 2001: 127) na aquisição de competências, não apenas de escrita e leitura ou de outras formas de representação, por exemplo visual e mediática (ibid.: 125), mas também a competência de ação política na *polis*, como fim em si, possibilitando o treino das competências de falar e agir, de pensar com outros e outras.

“A literacia é um conceito técnico e mais abrangente, mas mais “vazio” política e filosoficamente” (Koning, 2009: 87), o que, num tempo de incertezas e transições, talvez seja mais apropriado como formulação do que o conceito *conscientização*, que propõe objetivos claros e definidos em termos de transformação do mundo.

APRENDIZAGEM PELA CONVERSA

Nos projetos em que trabalhamos mais recentemente, como neste Projeto *ECO*, recorremos à metodologia da *aprendizagem pela conversa* de Ann Baker, Patricia Jensen e David Kolb (2002): • www.bit.ly/tFJuYEU .

A metodologia de *aprendizagem pela conversa* baseia-se no *modelo de aprendizagem a partir da experiência* de David Kolb: • www.bit.ly/tObgwIz .

Foi com Ine van Emmerik da empresa de formação holandesa *Extravaleren* • www.extravaleren.nl • e membro da Graal na Holanda, que começámos a utilizar esta metodologia, a partir do ano 2001 na Rede Europeia *Lien* • www.graal.org.pt/projecto.php?id=11 • e a partir de 2004 no já referido *Programa Literacia, Mulheres, Liderança da Fundação Cuidar o Futuro*: • www.fcuidarofuturo.pt/mulheres.html . O processo de *aprendizagem pela conversa* proporciona um espaço educativo fluído, porém estruturado, um espaço adequado para aprofundar a consciência, para desfazer ideias feitas e fazer circular novas ideias. Um espaço onde as pessoas encontram a possibilidade de “abrandar”, discutir e refletir sobre as suas experiências. Conversar com o objetivo de “encontrar novos sentidos” e “deixar emergir novos conhecimentos”, e assim desenvolver um olhar crítico sobre a realidade, promotor da construção de práticas inovadoras.

Esta metodologia foi experimentada no Projeto *Literacia para a Igualdade de Género e a Qualidade de Vida: Lideranças Partilhadas* (Koning et al, 2012; Múrias e Koning, 2012), que se realizou no âmbito do *Programa Literacia, Mulheres, Liderança da Fundação Cuidar o Futuro*. As duas publicações resultantes deste Projeto estão disponíveis online, no blog da Associação *Espaços - Projetos Alternativos de Mulheres e Homens*:

O *Caderno de Trabalho*: • www.bit.ly/tP89Gma •

O livro *Lideranças Partilhadas*: • www.bit.ly/tMLAmXE •

A Associação *Espaços - Projetos Alternativos de Mulheres e Homens* dá continuidade ao Projeto *Literacia para a Igualdade de Género e a Qualidade de Vida: Lideranças Partilhadas*, após o término do Projeto, procurando

traduzir os horizontes das dimensões utópicas em projetos concretos de intervenção em que problematizamos o nosso agir, fomos sentindo a necessidade, ao longo de múltiplas e partilhadas trajetórias de reflexão e ação, de criação de um espaço “onde as pessoas, as ideias e as práticas se pudessem cruzar continuamente para a criação de novos espaços sociais” (Koning et al: 2012) • <http://associacaoespacos.blogspot.pt/> •

ENTRE *CONSCIENTIZAÇÃO* E *APRENDIZAGEM PELA CONVERSA*

Baker, Jensen e Kolb (2002) fazem uma distinção entre diálogo e conversa. O diálogo, conceito central na filosofia e metodologia da conscientização de Paulo Freire, é caracterizado pelos autores por “vozes em oposição à procura da verdade”, uma definição que enfatiza a fala, a compreensão e a troca de ideias diferentes. No diálogo exploramos todas as complexidades da reflexão e da linguagem. Na conversa os aspetos emocionais são mais enfatizados.

Porém, em ambas as metodologias o foco está na compreensão humana, na produção de conhecimento existencial através de vozes em oposição à procura da verdade; em ambas as metodologias o foco está na emergência do sujeito (jovem, adulto) que objetiva o mundo que o rodeia, numa reflexão que promova uma inserção crítica neste mundo através de uma ação transformadora (Koning et al, 2012: 27).

O que sobretudo diferencia a metodologia da *aprendizagem pela conversa* da metodologia da *conscientização*, é, segundo Eunice Macedo e Amélia Macedo do Instituto Paulo Freire, que a primeira privilegia a “formulação narrativa na primeira pessoa” e não diretamente “a conscientização de um grupo oprimido, que conjuntamente assumiria a ação para a transformação social” (Macedo e Macedo, 2012: 234).

No Projeto *ECO* utilizámos a *aprendizagem pela conversa*, potenciando o verbo “incluir”, já que é em relações de afeto que as pessoas aprendem como se podem relacionar de uma forma ética com a alteridade.

LIDERANÇA PARTILHADA

Democracia é toda a transformação de relações de poder desigual em relações de autoridade partilhada. Ora como tais relações atravessam todo o tecido social, a tarefa da democratização da sociedade é imensa (Sousa Santos, 2011: 108).

A autoridade de hoje nasce onde se mostra ser relevante (Boutelier, 2011).

O trabalho da equipa no Projeto *ECO* foi realizado num regime de *liderança partilhada e intervisão*. Este *modus operandi* foi devolvido “em espelho” à equipa de jovens, aos professores, pais, assistentes, parceiros, procurando sinergias e processos de cocriação que garantam uma implementação do Projeto em *next practices* para além do seu tempo de existência. Para que novas formas de organização do trabalho possam ser desenvolvidas é preciso ir à procura destas *next practices*, em vez de pensar em termos de *best practices* (boas práticas). As boas práticas ainda se situam no paradigma dominante, em formas de fazer baseadas na experiência já acumulada.

da. *Next practices* são “menos fáceis de copiar” ou de simplesmente reproduzir. É que “não se trata do ‘grand design’, mas de um processo de evolução que é construído em conjunto com todas as pessoas envolvidas” (Dijkstra & Feld, 2011: 31).

No paradigma dominante de liderança a atenção concentra-se no líder e nas suas qualidades e capacidades, enquanto a *liderança partilhada* valoriza o processo de tomada de decisão em grupo. Gera mais vida, dá espaço ao novo, tanto em espaços do trabalho e cidadania, como em espaços mais privados:

Num regime de lideranças partilhadas há mais informação a circular. O que a diferencia de outras formas de liderança é a partilha de competências e responsabilidades. Não é necessário acabar com a hierarquia. A igualdade não tem de acabar com processos diferenciados (Múrias e Koning, 2012: 42).

Trata-se de um processo mais trabalhoso e demorado, mas que permite o aumento da qualidade do trabalho. É mais fácil e rápido gerir os espaços existentes e reproduzir o padrão de funcionamento já conhecido, do que iniciar novos processos.

Marques fala na exigência desta “governança colaborativa”:

O esforço adicional que é exigido num processo colaborativo, em que é necessário que cada parceiro se adapte à realidade do “outro”, repartindo poder e protagonismo, exige que se evidenciem os ganhos decorrentes da colaboração e se seduzam os parceiros para essa dinâmica (Marques, 2014: 10).

E sublinha a confiança: “Por isso, a palavra-chave para processos colaborativos é ‘confiança’: Sem ela, nada será possível construir” (ibid.: 11). Define a liderança em torno do conceito de um modelo colaborativo da seguinte forma:

Importa nesta dinâmica ter líderes que sejam capazes de mobilizar e inspirar, de fazer pontes e de criar um sonho, no quadro de modelos organizacionais com maior exigência de flexibilidade, agilidade, versatilidade, velocidade e qualidade no trabalho das suas equipas (ibid.: 11).

As expectativas em relação à liderança inspiradora ainda são grandes, embora a maioria das pessoas tenha dificuldade com pessoas que se dizem ser o/a seu/sua líder, a não ser que seja uma pessoa da sua própria escolha. A nossa proposta seria de deixar de falar em “líderes”, reconhecendo e valorizando as funções de chefia hierárquica, mas ir tentando identificar “processos de liderança” e não “líderes”.

A liderança na “Sociedade de Improvisação” (“modelo” de sociedade proposto por Boutelier e referido no capítulo II), tem a ver com propor temas, preparar acordos,

estabelecer ligações dentro e entre redes, criar espaço para as pessoas se poderem evidenciar, organizar a cooperação (Boutelier, 2011: 20). Assim, nesta era do Espaço Global, talvez os/as líderes possam deixar de ser “messiânicos/as ou tirânicos/as”.

Os processos de liderança estão a mudar? Há mais espaço para a expressão de vontades coletivas, para a inovação colaborativa, para o assumir do risco do erro, para a cocriação? A forma como a liderança era exercida no século passado tornou-se inadequada. No século XXI, todas as pessoas podem, em determinados momentos, assumir tarefas de liderança. É preciso aprender a desempenhá-las e a largá-las para dar espaço para que outras competências possam ser mobilizadas com o objetivo de aumentar a qualidade do trabalho.

INTERVISÃO E ESPAÇO EM BRANCO

Foi também com Ine van Emmerik, da já referida empresa de formação *Extravalleren*, que introduzimos na nossa metodologia de trabalho em equipa a dinâmica da *intervisão*. Ine van Emmerik relaciona o conceito *espaço em branco* com a *intervisão*:

Promover processos de literacia no contexto profissional implica desenvolver competências para enfrentar a complexidade, abrandando e colocando a questão “O que estamos de facto a fazer?”. Esta questão inicia um processo de compreensão não-linear, em que novos *insights* podem surgir. Espaço em branco é um conceito na literatura que indica o branco entre as linhas que fazem parte do texto. [...] é uma metáfora para a fase de transição entre a ordem e a surpresa que é inerente ao processo de compreensão não-linear. A *intervisão* é um método adequado para facilitar este processo. É uma forma de trabalho em que os pares, numa base mútua, fornecem feedback crítico e apoiante no intuito de forma a melhorarem as suas competências profissionais. Facilitar o processo de *intervisão* é como conduzir um processo de aprendizagem pela conversa e também requer certas competências (Emmerik, 2012: 91).

A *intervisão* consiste no aconselhamento mútuo em pequenos grupos de profissionais (entre 3 e 10 pessoas), em que se trocam experiências de trabalho com o objetivo de encontrar soluções para problemas e obter uma melhoria profissional contínua.

O ambiente de segurança permite formular novos conhecimentos e elaborar alternativas de ação, resultante dos pontos de vista dos membros do grupo. Assim, a *intervisão* implica uma vontade de aprender em conjunto e parte do princípio que o conhecimento está nas mãos de todos os membros do grupo. É um processo de auto e coaprendizagem, não de heteroformação. Implica diálogo e reflexão e pode resultar em crescimento pessoal e profissional.

A abordagem implicitamente multidisciplinar na *intervisão* permite valorizar várias formas de compreensão de uma situação e assim ampliar a possibilidade de inovar a prática. A *intervisão* não é um instrumento apropriado em contextos marcados por relações hierárquicas. Exige competências de comunicação dos/as participantes. A prática de *intervisão* pode vir a constituir uma base sólida na empresa ou organização num mundo interconectado, que faz da autoaprendizagem e da aprendizagem em equipas e redes, o alicerce do seu crescimento. O processo de *intervisão* pode ser facilitado por uma pessoa externa ao grupo ou então por um dos seus próprios membros.

A metodologia pode ser variável mas implica sempre partir de perguntas/questões apresentadas pelos membros do grupo que podem levar à introspeção e aumentar as capacidades analíticas e de resolução de problemas. Significa aprender uns com os outros a partir de situações experienciadas em conjunto. O foco pode ser, por um lado, sobre um problema individual de uma pessoa no grupo ou, por outro, sobre o pensar e agir de um grupo de profissionais.

Respeitar a dinâmica da *intervisão* implica que quem apresenta um problema numa sessão possa ter influência sobre a situação, tenha poder de indicar um rumo, de liderar no momento certo. Muitas vezes o problema consiste num dilema que pode ser abordado e resolvido de várias formas. A diversidade de formas de resolução permite a liberdade de escolha, escolhas essas que podem levar à inovação e aumento de qualidade. Ser capaz de fazer uma nova escolha é um resultado típico de um processo de *intervisão*.

Tal como a *liderança partilhada*, a *intervisão* está na base de um novo paradigma de funcionamento numa “Sociedade de Improvisação”, em que é tarefa primeira “sintonizar” com o Outro, em práticas sociais balizadas por uma ética de querer o bem comum • www.performanceconsultancy.nl/artikelen/Intervisie.pdf .

COMUNICAÇÃO AUTÊNTICA

Através de uma *comunicação autêntica*, não-violenta, entre as pessoas, uma comunicação que proporciona a possibilidade de fazerem ouvir a sua voz em iniciativas comunitárias, é possível reduzir os riscos sociais, no caso do Projeto ECO, os riscos de violência entre jovens.

Em setembro de 2010 Jeannette Claessen (ver cap. IV) orientou um workshop no Centro do Graal da Golegã sobre a *comunicação autêntica*, que desde então tem sido uma referência incontornável e uma prática sempre em construção na nossa forma de trabalhar. Neste *workshop* trabalhou durante 3 dias esta prática de comunicação com um grupo diversificado de profissionais da área da educação e da saúde, baseando-se na *Comunicação Não Violenta* desenvolvida por Marshall Rosenberg, psicólogo norte-americano.

- https://pt.wikipedia.org/wiki/Marshall_Rosenberg •
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Comunica%C3%A7%C3%A3o_n%C3%A3o_violenta •
- www.youtube.com/watch?v=DgAsthY2KNA •

COCRIAÇÃO

A *liderança partilhada* (Koning et al, 2012: 49) é muito mais do que saber como se pode liderar de uma forma eficaz. É uma questão do evoluir da sociedade e da tradução desta evolução em novas formas de trabalho, de organização, de aprendizagem, de gestão e liderança. Jelle Dijkstra e Paul-Peter Feld (2011: 10) afirmam que o que é importante neste processo, não é “o encontrar do santo graal”, mas o que importa é “o processo de procura em si”. Num regime de *cocriação* todas as pessoas devem poder dar o seu contributo com as suas qualidades e os seus talentos, conectando-se com outras para criar mais-valia para todos/as e para dar forma à inovação.

Numa entrevista, Feld fala da sua experiência na empresa *Xerox Nederland* e da forma inovadora de participação – *liderança partilhada* – dos que trabalham nesta empresa. Num mundo em que o trabalho se torna cada vez mais complexo, o pensamento antagónico está, segundo Feld, ultrapassado, porque os desafios nestes tempos são demasiado grandes para perdermos ideias e competências num regime de ganhar-perder. Assim, propõe a *cocriação* em vez da negociação. A negociação pressupõe que ambas as partes estão em confronto, em que uma parte ganha à custa do outro. A *cocriação* é trabalhar em conjunto para encontrar soluções • www.bit.ly/ij4oVO2 •.

BIBLIOGRAFIA

- Arendt, Hannah (2001), *A condição humana*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Baker, Ann, Jenson, Patricia & Kolb, David (2002), *Conversational learning: an experiential approach to knowledge creation*. Westport CT: Quorum Books. Disponível online em: www.bit.ly/tFJuYEU
- Boutelier, Hans (2011), *De improvisatiemaatschappij. Over de sociale ordening van een onbegrensde wereld. (A sociedade de improvisação. Sobre o ordenamento social de um mundo sem fronteiras)*. Den Haag: Boom Lemma uitgevers.
- Claessen, Jeannette (2012), Vitamina C para comunidades, in Cláudia Múrias & Marijke de Koning (Coords.), *Lideranças Partilhadas. Percursos de Literacia para a Igualdade de Género e Qualidade de Vida*. Porto: Fundação Cuidar o Futuro e Livpsic, 99-112.
- Damásio, Manuel José (2001), *Práticas educativas e novos media*. Coimbra: Minerva.
- Dijkstra, Jelle & Feld, Paul-Peter (2011), *Gedeeld Leiderschap. (Liderança Partilhada)*. Wormerveer: Jelle Dijkstra en Paul-Peter Feld/Dijkstra OAPM.
- Emmerik, Ine van (2012), Espaço em branco, intervenção e agência partilhada, in Cláudia Múrias & Marijke de Koning (Coords.), *Lideranças partilhadas: Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida*. Porto: Fundação Cuidar O Futuro & Livpsic, 91-97.
- Freire, Paulo (1971), O que é a "Conscientização", Textos extraídos de: Pour une alphabétisation politique, IDOC n.º 40, 47-60; *Cultural action for freedom*, Harvard Educational Review, monograph series n.º 1: "The mythologization of conscientization", conferência realizada em Cuernavaca, México, Jan. 71. GRAAL: documento policopiado.
- Koning, Marijke de (Coord.) (2005), *Rede de mulheres 25 anos depois: Com Maria de Lourdes Pintasilgo*. Lisboa: Fundação Cuidar O Futuro & Graal.
- Koning, Marijke de (2006), *Lugares emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes Pintasilgo*. Porto: Edições Afrontamento.
- Koning, Marijke de (2009), Abrandar no espaço em branco. Dar relevo ao fundo dos textos sobre a liderança, in Eunice Macedo & Marijke de Koning (Orgs), *ReInventando Lideranças: Género, Educação e Poder*. Porto: Livpsic & Fundação Cuidar O Futuro, 71-95.
- Koning, Marijke et al (2012), *Lideranças Partilhadas. Caderno de Trabalho. Propostas de literacia para a igualdade de género e a qualidade de vida*. Lisboa: Fundação Cuidar O Futuro. Disponível online em: www.bit.ly/tP89Gma
- Macedo, Eunice & Macedo, Amélia (2012), "Aprender pela conversa: assim como e depois?" in Cláudia Múrias & Marijke de Koning (Coords), *Lideranças Partilhadas. Percursos de Literacia para a Igualdade de Género e a Qualidade de Vida*. Porto: Livpsic & Fundação O Futuro, 223-237.
- Marques, Rui (2014), *Problemas complexos e governação integrada*. Lisboa: Fórum para a Governação Integrada.
- Múrias, Cláudia, Koning, Marijke de (2012), *Lideranças Partilhadas. Percursos de Literacia para a Igualdade de Género e Qualidade de Vida*. Porto: Fundação Cuidar o Futuro e Livpsic. Disponível online em: www.bit.ly/tMLAmXE
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (1985), *Dimensões da Mudança*. Porto: Edições Afrontamento.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes (2011), *Para um Novo Paradigma: um mundo assente no cuidado*. Porto: Edições Afrontamento.
- Sousa Santos, Boaventura de (2011), *Portugal. Ensaio contra a autoflagelação*. Coimbra: Edições Almedina.

WEBGRAFIA

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire
- www.bit.ly/1ObgwIz
- www.extravaleren.nl
- www.graal.org.pt/projecto.php?id=11
- www.fcuidarofuturo.pt/mulheres.html
- www.associacaoespacos.blogspot.pt
- www.performanceconsultancy.nl/artikelen/Intervisie.pdf
- www.liderancaspartilhadas.blogspot.pt/2010/10/el-arbol-de-la-vida.html
- <http://bit.ly/1MH2Df3>
- <http://bit.ly/1MS5bND>
- <http://bit.ly/1j4oVO2>
- <http://bit.ly/1FJuYEU>

VI. RECONCEPTUALIZAÇÃO DOS CONCEITOS CHAVE ESTRUTURANTES DO PROJETO

O Projeto *ECO, Encontro com o Outro: Afeto Inclusivo e Cidadania Ativa*, (BII-200587) tem como área-chave a promoção da *cidadania ativa*, como podemos ler em

• www.bit.ly/iL6JUd4 •:

Tentando contribuir para uma *cidadania ativa* através de modalidades de educação não-formal alternativa que estimulem a participação crítica e criativa de jovens e adultos no espaço público e que promovam práticas de inclusão, o Projeto visa contribuir para a descoberta de talentos através da formação de um grupo de 15 jovens animadores de arte cidadã e estimular a criação de uma base para o empreendedorismo local. [...] Os parceiros comprometem-se a promover uma *cidadania ativa*, através de modalidades de educação não-formal, que estimulem a participação crítica e criativa de jovens e adultos no espaço público, explorando um conjunto de conceitos inovadores nas áreas da formação e cidadania.

Os conceitos *afeto inclusivo*, *cidadania ativa* e *arte cidadã* foram considerados conceitos-chave no documento de apresentação do Projeto *ECO*. Neste capítulo, os conceitos *afeto inclusivo* e *cidadania ativa* são apresentados e retomados numa tentativa de reconceptualização. A apresentação e a reconceptualização do conceito *arte cidadã* podem ser consultadas no capítulo IV.

CIDADANIA ATIVA: CONCEPTUALIZAÇÃO

Cidadania

São múltiplas as referências a explorar para encontrar uma definição satisfatória do conceito cidadania, que é a “qualidade de ser cidadão”¹⁰. Por exemplo:

Cidadania é o exercício dos direitos e deveres civis, políticos e sociais estabelecidos na constituição. Uma boa cidadania implica que os direitos e deveres estão interligados, e o respeito e cumprimento de ambos contribuem para uma sociedade mais equilibrada. Exercer a cidadania é ter consciência de seus direitos e obrigações e lutar para que sejam colocados em prática. Exercer a cidadania é estar em pleno gozo das disposições

¹⁰ No Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, 5ª edição, 1977.

constitucionais. Preparar o cidadão para o exercício da cidadania é um dos objetivos da educação de um país. O conceito de cidadania também está relacionado com o país onde a pessoa exerce os seus direitos e deveres · www.significados.com.br/cidadania/ ·

A educação para a cidadania

No artigo “Educação para a cidadania em Portugal: contributos para analisar a sua evolução no currículo escolar português”, Norberto Ribeiro, Tiago Neves e Isabel Menezes, da Universidade do Porto, demonstram a sua progressiva eliminação na Escola:

O esbatimento da centralidade da educação para a cidadania, em simultâneo com a emergência da importância de outras formas de educação de cariz económico-financeiro, no âmbito da crise global que tem afetado nos últimos anos a Europa, leva-nos a concluir que a causa da sua eliminação subtil se deve ao facto de já não se reconhecer nela uma determinada utilidade instrumental. [...]

A educação para a cidadania é, portanto, fundamental. Não só no que se refere à construção de aprendizagens (de ordem cívica, política e moral) para uma participação livre e democrática dos indivíduos quer no espaço público e coletivo, quer no espaço privado e individual; mas também no que se refere à atribuição de sentido e de significado individual, social e cultural aos conhecimentos academicamente estruturados transmitidos pela escola, bem como à utilização responsável desses mesmos conhecimentos no quotidiano da vida cívica e política dos indivíduos (Ribeiro et al, 2014: 25).

Perante a eliminação subtil da educação para a cidadania, queremos sublinhar e agradecer a visão e a confiança da Direção do Agrupamento de Escolas da Golegã, Azinhaga e Pombalinho ao integrar, com as outras entidades parceiras e a entidade promotora, a “governança integrada” do Projeto *ECO*, em que a *cidadania ativa* foi um dos conceitos estruturantes da praxis educativa com jovens.

O Projeto *ECO* demonstra-nos que uma reconceptualização da *cidadania ativa* pressupõe que a Educação para a cidadania não seja mais uma unidade curricular introduzida no conjunto de disciplinas no espaço escolar, mas que deve ser aprendida *transversalmente* no contexto de todas as unidades que compõem o desenho curricular. Assim, no ensino da Língua Portuguesa ou da História abordam-se questões de Educação para a cidadania (conteúdos e formas de organizar o trabalho em sala de aula), assim como na Matemática ou nas Ciências. A Educação para a cidadania deve ser **experiential**, isto é, aprendida através da experiência, vivida como participação democrática em todas as instâncias da vida escolar: corresponsabilização pelo acompanhamento dos mais novos, relações de respeito e cortesia com os mais velhos, com aqueles que são diferentes de si, aprendendo a conhecê-los, paridade nas relações

de gênero, comunicação não-violenta, participação ampla nas iniciativas da escola, autonomia e responsabilização pelas suas próprias iniciativas, aprendendo a projetar e a concretizar, mobilizando recursos. Educação para a cidadania pressupõe manter o espaço educativo esteticamente agradável e acolhedor, limpo (salas de aula, corredores e espaços comuns, espaço de ar livre, etc.), poupando os recursos comuns (água, luz); participar na gestão da vida da escola; eleger representantes para os diferentes fóruns de decisão; acolher e desenvolver iniciativas de solidariedade; etc.

Assistimos, portanto, à conceção de uma nova cidadania: o/a jovem-cidadão/a em antítese à “separação dos jovens e das jovens do espaço público”. O respeito pela cidadania dos/as jovens revela-se em:

- inclusão social plena de todos os jovens e de todas as jovens: de meios sócio-económicos mais vulneráveis, de culturas e origens diferentes; jovens de sexo, religião, etnia diferentes; jovens com “necessidades educativas especiais”;
- interação em projetos comuns para os quais cada jovem pode trazer a sua especificidade e o seu contributo individual;
- instituições respeitadoras do melhor interesse dos/as jovens e da sua necessidade de participação nas decisões que lhes dizem respeito;
- aceitação, reconhecimento e estímulo das amizades entre jovens, num relacionamento não-violento e respeitador do Outro;
- cuidado e especial atenção aos jovens que têm mais dificuldade em fazer amigos ou são vítimas de *bullying*;
- incentivo às formas próprias de os/as jovens “fazerem sentido” e de criarem as suas “teorias” sobre as coisas e sobre o mundo;
- legitimação das vozes dos/as jovens na participação na vida da cidade/*polis*, na comunidade, na família, no grupo de amigos.

Reconceitualizando: Retalhos para irmos construindo a “manta” da Cidadania Ativa¹¹

Recorremos à metáfora “manta de retalhos” para reforçar o carácter provisório do nosso processo de *bricolage*, do “corta e coze” do nosso trabalho nestas páginas, que tem como objetivo construir um possível quadro de referência para as questões de cidadania. Será uma reconceitualização atravessada por diversas dimensões. Com a metáfora “manta de retalhos” queremos também homenagear toda a criação artesanal dos/as artistas que fomos encontrando ao longo do Projeto.

¹¹ Anexo 3: Textos-desafio para a *Cidadania Ativa*

Os “retalhos” consistem em excertos de textos que abordam temáticas incontornáveis para a construção de uma “cidadania-sempre-em-estado-de-atualização”. No fim de cada “retalho” iremos referir algo da experiência vivida pelos jovens que participaram no Projeto *ECO*: uma situação ou uma citação de algo que ficou registado. Convidamos os nossos leitores e as nossas leitoras a entrar connosco neste processo de *bricolage*.

Tanto a conferência realizada no Porto, *Admirável Mundo Novo. O futuro chegou cedo demais?*¹² no dia 12 de junho de 2015, como o livro *Dappere nieuwe wereld* de um conjunto de 21 jovens investigadores holandeses • www.bit.ly/1VGUGvv • fazem referência - explicitamente (no caso da conferência) ou implicitamente (no caso dos investigadores holandeses) - ao título do livro *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley:

• www.machadodeassis.com.br/downloads/20120416110559.pdf •.

Do livro *Dappere Nieuwe Wereld* extraímos e traduzimos excertos de vários autores, para apresentar uma série de retalhos para a recomposição da nossa manta de *cidadania ativa*, agrupados em três secções: **Chão; Apostas/Propostas; Meios**. Após cada retalho estabelecemos uma ligação com o Projeto *ECO*, recorrendo à página do Projeto no *facebook*, • www.facebook.com/pages/ECO-Encontro-com-o-Outro/1485565291657091?fref=ts • que funcionou com um “diário de bordo”, ou como registo das atividades e reflexões quotidianas do Projeto.

Chão¹³

Entre *Tecno-polis* e cultura local

A *Tecno-polis* é o conjunto das forças universais e unificadoras que emanam do processo de modernização. É o domínio técnico do meio ambiente que tornou possível a nossa prosperidade material e as liberdades modernas. Ao mesmo tempo é o poder que nos separa do nosso ambiente natural e social. As relações tradicionais e naturais estão sob pressão, provocando uma perda de direção e uma conseqüente necessidade humana de incorporação dos dois polos: o polo tecnológico e o polo cultura tradicional, que constitui uma força contrária e que tem um papel mais importante do que é amplamente assumido. Em que sentido é que a tradição continua não só a sobreviver, mas também se liga às estruturas de modernização universal? Como é que nessa relação simbiótica entre a cultura tradicional local e as forças universais da modernidade todos podem continuar a interagir e a transformar-se? Como manter a dinâmica dessa relação precária uma vez que está sujeita a circunstâncias em constante mutação? (Sheikh, 2011: 17-28).

¹² Ver no anexo 3

¹³ Para as razões da utilização da metáfora *chão* ver o capítulo II

No Projeto *ECO* aprofundámos o conhecimento da cultura tradicional local:



“É com muito prazer que vos convidamos a estar presentes no próximo Encontro *ECO*: «Conversas com Arte Cidadã», no dia 10 de Dezembro, quarta-feira, pelas 15h, no Edifício Equuspolis, na Golegã. Será uma tarde de encontro e de conversa, com a presença de alguns/as artistas, em torno das artes e da cultura e da forma como elas mudam a nossa vida e podem contribuir mudar o mundo à nossa volta.”

4 de dezembro de 2014

“Ontem, dia 10 de Dezembro, vivemos juntos/as mais um interessante encontro *ECO*: “Conversas com Arte Cidadã”, com a presença de diferentes cidadãos/cidadãs e artistas, de variadas linguagens artísticas. Foi uma conversa muito rica, na qual pensámos o quanto colocamos o que somos e o que acreditamos naquilo que fazemos. Partimos de um vídeo, que deixamos em anexo:

• www.youtube.com/watch?v=k5m5-LDIN7M •

Este vídeo desafiou-nos a tomar mais consciência sobre a importância da magia, da persistência e do caminho da aprendizagem necessários para tornarmos a nossa vida numa obra de arte sempre a completar.”

11 de dezembro de 2014

Não ao mercado “sem moral”

Como resultado da reviravolta na década de oitenta, a economia global foi despojada lentamente do seu enquadramento cultural.

O crescimento tornou-se um objetivo em si mesmo. [...] O que poderá ser o novo quadro normativo compartilhado ao qual o crescimento económico deve estar ao serviço?

Teremos de encontrar um novo enquadramento para a economia do mercado, em que o PIB como uma referência deve ser substituído por um portfólio de indicadores sociais

e índices de uma política que permita a sustentabilidade da economia, do ambiente e sociedade (Thomas, 2011: 137-148).

No Projeto *ECO* tentámos contribuir para um novo olhar sobre a economia, o ambiente e a organização da vida em sociedade através de uma sensibilização para a importância do trabalho voluntário, possível de ser realizado em contextos de diversas instituições locais.



“A Equipa *ECO* marcou presença, esta última quarta-feira, dia 21 de Janeiro, em duas ações de sensibilização em torno do voluntariado Jovem: “ Eu faço voluntariado! E tu?”. Estivemos presentes em duas turmas: Curso Profissional Técnico Agrícola e na turma do 9ºA, da Escola Mestre Martins Correia.

Nesta sessão tivemos a oportunidade de partilhar a nossa vontade de fazer voluntariado, testemunhando o efeito que estas experiências podem ter na nossa vida. Ao mesmo tempo, levamos connosco uma lista de organizações/locais onde os jovens da Golegã se poderão envolver como voluntários. Obrigada a todos/as pela partilha e pela possibilidade de dar a conhecer como na nossa comunidade há tantos espaços vivos à espera da nossa vida!”

27 de janeiro de 2015

“Continuamos com as nossas ações de sensibilização *ECO*: “Eu faço VOLUNTARIADO! E tu?”. Esta quarta-feira, dia 28 de Janeiro, estivemos na turma do 8ºC, a turma de uma jovem *ECO*, a Cristiana Pimentel.

Enriquecidas com o testemunho de vida e com a partilha de experiências da Cristiana, conversámos sobre a importância do voluntariado na nossa vida e na comunidade à nossa volta, pensamos juntos/as e desconstruímos ideias feitas em torno do voluntariado e lançamos o desafio à participação!

Foi uma conversa muito produtiva, porque nesse mesmo dia contamos com mais 9 jovens na nossa Equipa, que já participaram nas nossas ações, durante a tarde!
Que maravilhosa manhã para o nosso Projeto!”

29 de janeiro de 2015

Decentralização radical e a futura Cidadania

A descentralização radical é possível graças à evolução tecnológica dos últimos vinte anos e graças a uma população cada vez mais educada.

Do it yourself, ou: pessoas e grupos que resolvem eles próprios pequenos e grandes problemas, será como as gerações adultas futuras irão realizar a sua cidadania.

A abordagem *bottom-up* traz ao de cima o melhor das pessoas e é uma das forças mais ‘empoderadoras’ do futuro. O século XXI não é apenas de baixo para cima, mas também horizontal. A maioria das conexões serão de ordem local, como agora, mas o resto do mundo nunca está mais afastado do que à distância de três conexões.

Conhecimento é poder, assim, cidadãos e empresas tornam-se mais poderosos se houver transparência (Tabarki, 2011: 49-56).

No Projeto *ECO* tentámos proporcionar contextos de aprendizagem, nomeadamente através do trabalho voluntário, permitindo “trazer ao de cima o que existe de melhor nas pessoas”, provocando uma mudança no “estilo de vida”:

Testemunho de uma jovem voluntária participante no Projeto *ECO* sobre a importância do voluntariado na sua vida:



“Voluntariado é como se fosse um estilo de vida. Trocamos o sofá, o telemóvel ou o computador por boas ações que estão ao alcance de cada um.

A vontade é algo que vem de dentro de nós e na verdade não custa nada abdicarmos do nosso tempo em prol dos outros.

Há tanto para fazer num mundo onde a injustiça e a guerra permanecem dia após dia.”

3 de fevereiro de 2015

Apostas/Propostas

Em vez de ser rico ser feliz

Vamos ter que ajustar a nossa ambição “de cada vez mais” para “cada vez melhor, mais divertido e significativo”.

A escolha desse ‘bem-estar’ em vez da escolha de ‘ter muito’ significa que temos que dizer adeus a uma fórmula vencedora. Somente quando reconhecemos que o crescimento econômico não nos faz mais felizes, vamos definir novas metas mais relevantes.

Não precisamos de uma economia tímida, mas de uma economia que concentra toda a sua energia numa economia verde e social, permitindo que as pessoas consigam significar mais umas para as outras e assim criar ‘mais-valias’ (Tilburg, 2011: 183-194).

No Projeto *ECO* exploramos as potencialidades do empreendedorismo social, por um lado através do trabalho voluntário dos jovens em várias instituições e empresas que cuidam dos outros, do meio e do ambiente e proporcionam serviços para aumentar a qualidade de vida, por outro através de sessões de informação e debate:



“Obrigada, inspirador José Dias, um dos fundadores da Associação Juvenil da Golegã - Associação Cantar Nosso - pela partilha interessante e dinâmica dos primeiros passos da associação e pela partilha de experiências de vida e de intenso espírito de associativismo! Conhecer o impacto que tem tido na vida das pessoas com quem contacta diariamente na Associação Cantar Nosso fez-nos sentir mais seguros e confiantes, pois possuímos uma boa retaguarda e sabemos que o caminho é começar!”

26 de fevereiro de 2015

Diário fotográfico - Dias de Primavera ECO

“Ir ao Encontro... da Comunidade!

Durante a tarde, tivemos a oportunidade de experimentar a importância da interajuda e partilha entre organizações da nossa terra. Juntos/as somos mais fortes! Encontramo-nos na Associação Cantar Nosso e dividimo-nos em duas equipas,

com o lema de “Ir ao Encontro” de quem encontrássemos no caminho. Entretanto, colocaríamos alguns cartazes a divulgar uma atividade desta associação!
Foi uma verdadeira descoberta dos lugares de encontro da nossa terra: fomos a cafés, a lojas... encontramos pessoas na rua, e... FIZEMOS ECO!”

31 de Março 2015



“Dia 15 de Abril: tivemos a oportunidade de nos encontrarmos com a FAJUDIS: a Dra. Marisa e com a Dra. Bárbara vieram ao nosso ENCONTRO e participamos numa sessão de Auscultação aos Jovens, integrada no Projeto Jovens e Desenvolvimento Local! Tivemos a oportunidade de refletir sobre as questões do desenvolvimento local e sobre o papel dos jovens nesse desenvolvimento. Como podemos participar e contribuir ativamente? Fomos desafiados ainda a dar ideias/propostas aos nossos decisores políticos, em diversas áreas do desenvolvimento local: educação, transportes, saúde, equipamentos...”

17 de abril de 2015

A diversidade deve ser aprendida

Acreditamos que no futuro próximo a diversidade será um dado, em vez de um problema. Não será mais preciso haver debates sobre a integração, mas sobre a inclusão, sobre o conhecermo-nos uns aos outros, sobre o encontrar o outro. A sociedade será vista como um mosaico de culturas e não como um caldeirão. É uma mudança lenta, nada fácil que tem de ser preparada desde muito cedo. Ao investir hoje na educação intercultural desde o ensino básico, cultivamos os cidadãos globais, empáticos de amanhã (Aanzi e Hul, 2011: 39-48).

No Projeto *ECO* valorizamos a aprendizagem da inclusão e do *afeto inclusivo*:



“O Projeto *ECO - Encontro com o Outro* continua em ação! Este mês de Janeiro, depois da intensidade dos últimos meses, estamos a dedicar mais tempo ao ENCONTRO, à presença e a aprofundar o tema do Afeto Inclusivo, na relação uns/umas com os outros/as, a conhecermo-nos melhor e a cuidarmos uns/umas dos/as outros/as e da comunidade à nossa volta!”

5 de janeiro de 2015

“No Encontro *ECO* da última quarta-feira, dia 21 de Janeiro, estivemos juntos/as a partilhar sobre o que poderá significar para nós AFETO INCLUSIVO, numa fase em que nos encontrámos a planear tantos encontros, com tantas pessoas diferentes!

Surgiram muitas ideias interessantes, tais como:

- Um afeto que se sente entre todos/as!
- Um afeto que não exclui ninguém!...”

27 de janeiro de 2015

Cidadania subtil

O papel do indivíduo na sociedade não pode ser reduzido a uma participação apenas formal na democracia, embora esta seja importante para governar o país.

A cidadania é muito mais. Mas o quê? Tradicionalmente, o cidadão é um sujeito político. Ele escolhe e pode ser eleito.

Entre os dois extremos do cidadão político com direito a voto ativo e passivo e do cidadão do Estado de Direito, que não deve correr nenhum risco, há uma cidadania mais subtil.

O mundo contém ao mesmo tempo todo o planeta como o local mais próximo: o super-cidadão está relacionado tanto com o problema do clima global como com qualquer problema local ao virar da esquina. Este cidadão é capaz de relacionar as duas coisas. O super-cidadão enquanto utilizador não é um consumidor, mas um “prosumidor”: utilização e criação estão entretecidas (de Groot, 2011: 69–80).

No Projeto *ECO* tentamos estimular a atenção para questões locais e globais, por exemplo não desperdiçar recursos, ser um “prosumidor”:



“Na sessão *ECO* de ontem, dia 22 de Outubro, tivemos o privilégio de conhecer mais de perto a Agrotejo, o seu Projeto de Responsabilidade Social: “Restolho”, bem como a Reserva da Biosfera do Paúl do Boquilobo. Agradecemos à Eng^a Alexandra Fernandes e ao Dr. Marco Cardoso Pires pela disponibilidade e pelo que partilharam connosco. Ficámos entusiasmados/as e com várias ideias para concretizar muito em breve! Continua/e a acompanhar-nos e verás/s!”

23 de Outubro de 2014

Meios

Para uma educação que vem ao nosso encontro

Em linhas gerais não houve ainda muitas mudanças na forma como aprendemos. Albert Einstein já dizia: “É um milagre que a curiosidade sobreviva à educação formal” e Mark Twain veio com a declaração: “Eu nunca deixei o ensino interferir na minha educação”.

A instituição Escola será substituída pelo “mundo” do aluno? Assim, quando falamos sobre o futuro da educação é importante utilizar a expressão “ambiente de aprendizagem” (Leendertse, 2011: 195-204).

No Projeto *ECO* alargamos as experiências de aprendizagem, valorizando o corpo:



“27 de Maio de 2015 - O momento de CRIAÇÃO desta semana foi bem libertador: Dança com fitas de seda! Refletimos sobre os nossos sentimentos, sobre a aprendizagem que fazemos com o corpo todo e sentimos o que poderia ser libertarmo-nos para sermos mais nós próprios e podermos comunicar de forma autêntica e verdadeira!”

29 de maio de 2015

Satisfazer a necessidade de “histórias”

Usamos muitos “conceitos-container” [termos sem significados bem definidos e sujeitos a múltiplas interpretações], vazios e despercebidos, como ‘sustentabilidade’, “inovação”, “liderança”, “confiança” e “cidadania”. Mas quem refere que existem histórias sobre o que isso pode significar? Que histórias contamos? Basta vivermos com a história de MBA (Master in Business and Administration), a história dos “ganhos por ação” e do “valor para o acionista”? Falta a linguagem da imaginação que é extremamente necessária (Zwieten, 2011: 215–224).

No Projeto *ECO* contamos outras histórias, por exemplo através da organização de um encontro sobre uma figura histórica em Portugal, Maria de Lourdes Pintasilgo¹⁴, organizado na Escola em parceria com a Associação Espaços. Foi no dia 4 de março que se realizou uma sessão na Escola da Golegã, orientada por Liliana Lopes, seguida por uma sessão de leitura · www.bit.ly/thsJMvV ·¹⁵.



“E agora: temos o prazer de partilhar a nossa APRESENTAÇÃO *ECO*, nos 30 minutos de Leitura de Textos de Maria de Lourdes Pintasilgo, porque sabemos que ÀS GERAÇÕES FUTURAS SE DESTINAM AS MENSAGENS! Porque acreditamos que ‘SÃO NECESSÁRIOS NOVOS PARADIGMAS, CAPAZES DE GERAR NOVOS VALORES PARA A SOCIEDADE’. E porque apostamos em “CONSTRUIR AS NOSSAS PRÓPRIAS VIDAS””.

6 de março de 2015

¹⁴ “A história nos deu como contemporânea Maria de Lourdes Pintasilgo. [...] Maria de Lourdes, com consciência lúcida sobre a grandeza da tarefa que se impunha, fez do planeta sua pátria e sua casa, e nessa trajetória forjou um pensamento global, longe das mesquinhas e limitações das fronteiras. Sua vida itinerante foi a metáfora de um espírito inquieto que assumiu todos os riscos de seu tempo” (Darcy de Oliveira, 2010: 181-182).

¹⁵ Foi em abril de 2014 que a Associação Espaços iniciou no Porto o Ciclo ‘Maria de Lourdes Pintasilgo em Conversa: Intervenção e Atualidade’: Porque sempre foi uma mulher do seu tempo, projetando o futuro, e porque as circunstâncias em que vivemos hoje exigem que convoquemos o melhor do nosso património de cidadania, democracia e criatividade social, mais do que recordar Maria de Lourdes Pintasilgo “dez anos depois” [da sua morte em 2004], queremos propor-vos um duplo desafio-convite: - olhar o presente e o futuro a partir do seu legado político, social e intelectual; e ressignificar a nossa intervenção na sociedade a partir do seu pensamento e da sua intervenção; - Após várias sessões no Porto, em Coimbra e em Lisboa, a Associação decidiu abrir esta iniciativa às gerações mais novas, nomeadamente a estudantes do ensino básico e secundário.



“Depois de uma intensa semana de atividades, partilhamos aqui alguns momentos - memórias das nossas ações!

O primeiro momento: ‘Making of’ ou o processo de criação e de recriação do Texto: ‘Às gerações futuras se destinam as mensagens’, de Maria de Lourdes Pintasilgo, a ser lido e apresentado no dia 4 de Março, no âmbito da Semana da Leitura! Momentos divertidos de partilha e de criatividade!”

6 de março de 2015

Criar uma obra de arte da nossa vida

Não mais, mas melhor, não linear, mas cíclico, e não a quantidade, mas a qualidade, não medindo o mesmo, mas a diversidade.

O que poderia ser um princípio orientador tanto para ação social e individual? Três entradas: pensamento cíclico em vez de pensamento linear, qualidade em vez de quantidade e em vez de uma pessoa ser auto direcionada, ela ter autocuidado.

De acordo com Foucault, todas as épocas tiveram as suas próprias leis e normas, os seus valores próprios e sempre a sua própria ética de vida. Pouco antes de sua morte, em 1984, Foucault observa: “Porque não todos criarem uma obra de arte da sua vida?”. Também Nietzsche escreveu extensivamente sobre a arte de viver. Ele recomenda que as pessoas abordem as suas vidas como uma obra de arte, em que a experimentação deve ser central. As pessoas devem moldar-se (*styling*). Isso é muito mais do que a escolha de um estilo de vida superficial. A moral do autocuidado requer técnica e disciplina.

A nova geração de tomadores de decisões devia começar ela própria a viver de uma forma consistente. Uma vida com qualidade, não à custa de si mesmo, não à custa dos outros e não à custa da natureza. Só assim seremos mentalmente capazes de fazer a transição para uma economia, uma sociedade e uma vida pessoal sustentáveis, uma vez que nos permite tranquilamente pensar em novos conceitos para estarmos à altura das grandes transições em que nos encontramos neste momento (Berg, 2011: 205-214).

O trabalho realizado nas oficinas de *arte cidadã* consistiu em proporcionar dinâmicas pedagógicas e artísticas que desafiassem para a construção da vida como se de uma obra de arte se tratasse. Uma obra sempre em construção. Sair das rotinas do quotidiano, ir ao encontro do Outro, incluir o Outro no afeto, desenvolver uma *agência relacional*, fazer a diferença e, assim, CRIAR-se (ver capítulos III e IV).

AFETO INCLUSIVO: CONCEPTUALIZAÇÃO INICIAL

Foi no âmbito do Ciclo de Conferências *A Dimensão do Cuidar na Re-significação do Espaço Público com Maria de Lourdes Pintasilgo em Fundo*, da iniciativa da Fundação *Cuidar O Futuro*, realizada em 2009 na Universidade de Évora, que lançámos o par conceptual *afeto inclusivo*.

O *afeto inclusivo* é constituído por um movimento de expansão de afeições em que nos deixamos aspirar por desejo e decisão nossa, para círculos cada vez maiores de afeto, por necessidade do nosso próprio ser-em-devir e o de outros seres humanos à nossa volta (Koning: 2009).

Parece poder ser mais “produtivo” utilizar em contextos educativos o par conceptual *afeto inclusivo* em vez da palavra *amor*, pela dimensão explícita do agir contida na palavra “inclusivo”. Há, pelo menos, dois argumentos que desaconselham a utilização da palavra amor em contextos de aprendizagem. Por um lado tem uma conotação cristã de amor gratuito que pode afastar não crentes e crentes não cristãos; por outro, a palavra amor poder ter uma conotação às vezes apenas romântica.

Experimentámos no Projeto *ECO* que para a aprendizagem do *afeto inclusivo* é preciso explicitar e intensificar a capacidade de se mover entre as seguintes condições de “suporte”:

- Explicitar continuamente que o afeto constitui o substrato indispensável de um agir humanizante, um agir marcado pelo cuidar;
- Considerar o *afeto inclusivo* como eixo de um *continuum*, cujos polos são Emoção (Sentir) e Razão (Pensar) e explorar atentamente o espaço disponível (e sem fronteiras) entre os dois polos;
- Intensificar a vontade de gostar e de amar, cultivando a capacidade de admirar e de se maravilhar;
- Treinar a capacidade de pensar, procurando formar uma consciência cada vez mais crítica;
- Potenciar ao máximo o verbo incluir, juntando cada vez mais pessoas, outros seres vivos, paisagens, obras de arte etc. no afeto já existente, que assim se vai reconstruindo e complexificando, tornando se cada vez mais denso;
- Organizar espaços e contextos de aprendizagem em que podemos experienciar que “gostar de” é bom e possível e que traz alegria de viver;
- Introduzir “espaços em branco” nos contextos de aprendizagem, com o objetivo de abrandar e pensar no que nos move e comove, em que o espaço em branco é

“uma metáfora para a fase de transição entre a ordem e a surpresa que é inerente ao processo de compreensão não linear” (Emmerik, 2012: 91).

Será que o *afeto inclusivo*, enquanto estratégia configuradora da metodologia de *aprendizagem pela conversa*, estratégia que explore o entre em contextos de aprendizagem, tanto de jovens e adultos, contribuiu no Projeto *ECO* para a reconstrução da “intimidade entre nós e o mundo em que vivemos” (Braidotti, 2010)?

• <https://vimeo.com/24517619> • (Comunicação “Carthographies of the present”).

RECONCEPTUALIZANDO O *AFETO INCLUSIVO*

Para reconceptualizar o *afeto inclusivo*, seria interessante considerar este par conceptual em termos de *capability* (Nussbaum, 2011: 20), conceito que exprime a possibilidade de não apenas ter uma capacidade ou competência mas poder utilizá-la livremente. O que são *capabilities*?

Capabilities são respostas à pergunta ‘O que pode esta pessoa fazer e ser?’ [...] *Capabilities* são uma espécie de liberdade: a verdadeira liberdade para realizar diferentes formas de funcionamento. Dito de outra maneira: não são apenas capacidades que a pessoa possui, mas também liberdades e possibilidades que são fruto de uma combinação de competências pessoais e o contexto político, social e económico” (ibid.: 20).

Todas as pessoas são em princípio capazes de amar, de gostar do outro, mas às vezes o contexto onde a pessoa se encontra pode ser tão adverso a este sentimento, que não permite sentir afeto. Daí a importância da qualidade de vida na comunidade onde o jovem se encontra, e dos “desafios” que se apresentam no contexto educativo local.

Com a abordagem do *afeto inclusivo* enquanto *capability*, propomos a seguinte alteração na nossa definição deste par conceptual estruturante da abordagem realizada no Projeto *ECO*:

O *afeto inclusivo* é constituído por um movimento de expansão de afeições em que nos deixamos aspirar por desejo e decisão nossa, para círculos cada vez maiores de afeto, por necessidade do nosso próprio ser-em-devir e o de outros seres humanos à nossa volta. Implica a existência de um contexto favorável em que o ser humano pode agir livremente.

Uma fotocópia do capítulo sobre as *capabilities* do livro da Marha Nussbaum está disponível *online* em formato de pdf: • www.bit.ly/iRiVTIK •.

Uma conferência de Martha Nussbaum sobre esta temática está disponível *online*:
• www.youtube.com/watch?v=sYfFGDhbHUK •.

BIBLIOGRAFIA

- Aanzi, Jamila en Hul, Kirsten van den (2011), Diversiteit 2.0: Je gaat het pas zien als je het doorhebt, in Joop Hazenberg, Farid Tabarki, Rens van Tilburg, *Dappere nieuwe wereld. 21 Jonge denkers over de toekomst van Nederland*. Amsterdam: van Gennep, 39-48.
- Berg, Natasja van den (2011), Het goede leven, in Joop Hazenberg, Farid Tabarki, Rens van Tilburg, *Dappere nieuwe wereld. 21 Jonge denkers over de toekomst van Nederland*. Amsterdam: van Gennep, 205-214.
- Darcy de Oliveira, Rosiska (2010), *Chão de terra*. Rio de Janeiro: Editora Rocco LTDA.
- Darcy de Oliveira, Rosiska (2012), *Elogia da Diferença. O Feminino Emergente*. Rio de Janeiro: Editora Rocco LTDA.
- Emmerik, Ine van (2012), Espaço em branco, intervisão e agência partilhada, in Cláudia Múrias & Marijke de Koning (Coords.), *Lideranças partilhadas: Percursos de literacia para a igualdade de género e qualidade de vida*. Porto: Fundação Cuidar O Futuro & Livpsic, 91-97.
- Groot, Rindert de (2011), De superburger, in Joop Hazenberg, Farid Tabarki, Rens van Tilburg, *Dappere nieuwe wereld. 21 Jonge denkers over de toekomst van Nederland*. Amsterdam: van Gennep, 69-80.
- Koning, Marijke de (2009), Afecto Inclusivo. Persistências do Cuidar no Século XXI, Comunicação apresentada no Ciclo Internacional de Conferências *A Dimensão do Cuidar na Re-significação do Espaço Público*, no dia 26 de Junho na Universidade de Évora.
- Leendertse, Matthijs (2011), Onderwijs dat naar je toekomt, in Joop Hazenberg, Farid Tabarki, Rens van Tilburg, *Dappere nieuwe wereld. 21 Jonge denkers over de toekomst van Nederland*. Amsterdam: van Gennep, 195-204.
- Nussbaum, Marha (2011), *Creating Capabilities. The Human Development approach*. London: Harvard University Press. O segundo capítulo deste livro, "The central capabilities", está disponível *online* em formato de pdf: www.bit.ly/iRiVTIK
- Ribeiro, Norberto; Neves, Tiago; Menezes, Isabel (2014), Educação para a Cidadania em Portugal: contributos para analisar a sua evolução no currículo escolar português, in *Currículo sem Fronteiras*, v. 14, n. 3, 12-31. Disponível *online* em formato de pdf: www.bit.ly/ihf2505
- Sheikh, Harron (2011), Technopolis in de polder, in Joop Hazenberg, Farid Tabarki, Rens van Tilburg, *Dappere nieuwe wereld. 21 Jonge denkers over de toekomst van Nederland*. Amsterdam: van Gennep, 17-28.
- Tabarki, Farid (2011), Van Vadertje Staat naar radicale decentralisatie, in Joop Hazenberg, Farid Tabarki, Rens van Tilburg, *Dappere nieuwe wereld. 21 Jonge denkers over de toekomst van Nederland*. Amsterdam: van Gennep, 49-56.
- Thomas, Casper (2011), Geen markt zonder moraal, in Joop Hazenberg, Farid Tabarki, Rens van Tilburg, *Dappere nieuwe wereld. 21 Jonge denkers over de toekomst van Nederland*. Amsterdam: van Gennep, 137-148.
- Tilburg, Rens van (2011), Liever rijk dan gelukkig, in Joop Hazenberg, Farid Tabarki, Rens van Tilburg, *Dappere nieuwe wereld. 21 Jonge denkers over de toekomst van Nederland*. Amsterdam: van Gennep, 138-194.
- Zwieten, Ruben van (2011), Doorbreek de taalnood, in Joop Hazenberg, Farid Tabarki, Rens van Tilburg, *Dappere nieuwe wereld. 21 Jonge denkers over de toekomst van Nederland*. Amsterdam: van Gennep, 215-224.

WEBGRAFIA

- <http://bit.ly/iVDODNv>
- www.significados.com.br/cidadania
- www.ffms.pt/conferencia-online/62/admiravel-mundo-novo

- <http://www.machadodeassis.com.br/downloads/20120416110559.pdf>
- www.bol.com/nl/p/dappere-nieuwe-wereld/1001004011296053
- www.facebook.com/pages/ECO-Encontro-com-o-Outro/1485565291657091?fref=ts
- www.youtube.com/watch?v=k5m5-LDIN7M
- www.associacaoespacos.blogspot.pt/search/label/Tert%C3%BAlias%20e%20palestras
- www.amazon.com/Creating-Capabilities-Human-Development-Approach/dp/0674050541
- www.youtube.com/watch?v=sYfFGDhbHUK
- www.vimeo.com/24517619

VII. ECO-ANDO O PRESENTE NO FUTURO: PERSPETIVAS DE AÇÃO A EXPLORAR

[...] o acontecido continua a agir em nós [...] estamos a ser influenciados por ele (Delfgauw, 1995: 80).

Neste capítulo propomos projetar no futuro algo do que aconteceu no Projeto *ECO* e delinear percursos possíveis de ação, reflexão e animação comunitária, tanto em espaços com adultos/as como com jovens.

Como referido no capítulo II, a propósito do *espaço-entre*, iniciativa em curso no âmbito do Programa *Raízes, Chão e Horizontes, Percursos e Círculos de Literacia Criativa e Recíproca*, procurámos explorar as sinergias existentes e repensar o espaço em torno de nós, o qual muitas vezes ainda funciona com limitação de fronteiras que não fazem sentido, nomeadamente entre pessoas e organizações que colaboraram em iniciativas de educação e animação comunitária. Este contexto de *pensar-entre*, em grupos constituídos por diversos agentes educativos numa comunidade, poderá no pós-Projeto *ECO* constituir uma dinâmica inspiradora para refletir sobre o papel da educação, tanto nas escolas como em casa, como nos outros espaços que compõem uma comunidade educativa com o objetivo de traçar novos percursos. Caminhos feitos de *sentir, pensar, sonhar, viajar, agir*, palavras que definem segundo Fernando Pessoa/Bernardo Soares o que é educar, palavras que constituem os ingredientes incontornáveis de uma filosofia educativa que não abstrai, mas que está enraizada no *chão* do quotidiano, na terra, no *húmus*. Só assim pode desafiar a uma maior humanidade do ser humano.

Tanto a coordenadora local do Projeto *ECO*, como a sua coordenadora pedagógica, estão disponíveis, num regime de trabalho voluntário, para no pós-Projeto apoiar iniciativas emergentes.

1. DESAFIOS PARA UMA EDUCAÇÃO-*NOT-FOR-PROFIT* NUM *ESPAÇO-ENTRE* ADULTOS

A filósofa americana Martha Nussbaum defende no seu livro *Not for profit* (2010) que a democracia precisa das Humanidades e das Artes, e alerta para o facto de os sistemas educativos estarem lentamente a eliminar estas áreas curriculares, desvalorizando a educação para a cidadania, uma vez que:

as exigências do mercado mundial levaram a considerar como essenciais as competências científicas e técnicas, enquanto as humanidades e as artes são vistas como franjas inúteis que devem ser cortadas de modo a termos a certeza que o nosso país [...] consegue manter o seu lugar na luta concorrencial no mundo (Nussbaum, 2010: 133).

No Anexo 4 encontram-se alguns excertos do seu livro para serem refletidos entre profissionais da ação educativa¹⁶.

2. DESAFIOS PARA O TRABALHO VOLUNTÁRIO, DE JOVENS E ADULTOS

Em 2007 a coordenadora pedagógica do Projeto *ECO* teve a oportunidade de entrevistar duas jovens mulheres, ambas com experiência de trabalho voluntário, sobre como definem o trabalho voluntário e qual o sentido deste trabalho para elas. Consideramos que as suas respostas constituem textos-desafio para serem discutidos entre jovens e adultos em futuras atividades no pós-Projeto¹⁷.

3. ECOAR CAMINHOS DE FUTURO POSSÍVEIS¹⁸

O Projeto *ECO* tem vindo a revelar-se um “organismo vivo”: continua a “nascer” e a acompanhar diferentes “nascimentos”, porque vive dentro de si um processo dinâmico, um estar a caminho, que se experiencia na dinâmica do provisório, dentro da fragilidade e da força dos possíveis.

Neste momento, construídos vários caminhos e definidas várias rotas, resta-nos acompanhar estes “novos partos”, seguindo de perto a rota dos futuros possíveis, procurando perspetivar e antecipar algumas possibilidades de futuro que começam a surgir, em cada uma das dimensões estruturantes do Projeto.

ROTA DOS FUTUROS POSSÍVEIS

Rede de Jovens que Criam a Diferença

Depois das experiências vividas, designadamente os encontros entre jovens de diferentes concelhos limítrofes da Golegã, confiamos que a ação desta rede se possa definir e expandir, a partir do grupo de Jovens *ECO*, integrando-se num possível plano de atividades pós-Projeto, diversos momentos de encontro entre jovens que nas suas

¹⁶ Ver Anexo 4. Para uma educação-not-for-profit num espaço-entre adultos.

¹⁷ Anexo 5. Textos-Desafio para o trabalho voluntário

¹⁸ A terceira parte deste capítulo foi elaborada pelas animadoras dos/as jovens.

vidas concretas já se encontram a fazer a diferença. Espera-se que estes encontros possam continuar a incentivar sinergias e a organização conjunta de novas atividades, sobretudo no desenvolvimento e apresentação de candidaturas a possíveis programas de financiamento e *fundraising*.

Associativismo Jovem e Empreendedorismos: criar *lugares vivos*

Depois das várias experiências vividas, reafirmamos a nossa confiança no potencial de associação dos/as jovens, que se tem vindo a revelar uma necessidade e um desejo: criar novos lugares de encontro e de criação - os *lugares vivos*, utilizando uma expressão desenvolvida nas sessões com os/as jovens. As novas gerações procuram e necessitam criar novos lugares de vida, onde possam ser “cozinhas” novas lógicas de viver e onde possam assumir uma *liderança partilhada*, exercitando a sua identidade de cidadãos e de cidadãs. Estes novos espaços em processo de definição surgem como espaços alternativos aos espaços em que os/as jovens já se movimentam, como a escola e a família, mas podem ser o lugar onde esses espaços se encontram, na interseção com o espaço público e com a comunidade. De facto, vários atores comunitários têm partilhado com os/as jovens e entre eles esta necessidade de criação de mais lugares de associação e reunião de jovens no concelho.

Assim, prevemos que se possa vir a criar no horizonte largo do Projeto *ECO*, como uma possibilidade, uma associação de jovens ou um grupo informal *ECO*: um lugar onde se possam exercitar e expandir as aprendizagens, capacidades e experiências vividas no Projeto *ECO*. Um lugar como uma clareira: um espaço de encontro e de liberdade, entre outros espaços existentes, que possa iluminar a vida como um todo e ser semente de integração entre os vários lugares de vida onde se movimentam os e as jovens, sem os espartilhar ou dividir.

Destacamos que essa será uma possibilidade entre outras possíveis, deixando-se em aberto a liberdade criativa do grupo de jovens *ECO*, mas que se foi procurando criar suportes de apoio para as ideias que se foram apresentando, que passaremos a descrever:

Ao longo do caminho deste Projeto, foram vários os laboratórios de associativismo organizados, nos quais se procurou ativamente criar espaços de encontro e de interação criativa com pessoas-chave no mundo do associativismo juvenil, promover o contato e a exploração direta da dinâmica de associações juvenis do concelho e nos concelhos circundantes, e providenciar um conjunto de suportes e estruturas (informação, conhecimentos gerais), essenciais para o desenvolvimento de uma associação juvenil.

Estas experiências vividas nos laboratórios de associativismo jovem incentivaram-nos a criar o que designamos de “ninho de associativismo jovem” dentro do Projeto

ECO, tendo em conta a reflexão que tem vindo a ser realizada com o grupo de jovens e as conclusões que têm sido apresentadas sobre as vantagens da união, partilha, cooperação, para a concretização de objetivos de futuro. Tal como num ninho temos procurado criar as condições necessárias para a incubação e facilitar a sua maturação:

- A definição de um espaço concreto e personalizado, onde se realizaram, de forma constante e permanente, as sessões de capacitação, ao longo de todo o Projeto, baseado no reconhecimento de que os/as jovens necessitam de um espaço concreto, alternativo, informal, que possam personalizar e sentir como seu, um espaço seguro e contendor de criação;
- Desenvolvimento de um processo de mentoria criativa e relacional com pessoas-chave da comunidade, empreendedores/as comunitários/as: cada jovem encontra-se já num processo de conhecimento (ir ao encontro) de uma pessoa concreta da comunidade, que se destaca pela sua participação e investimento familiar, comunitário e cívico. Neste caminho de encontros, espera-se que estes/as “mentores/as” possam providenciar aos/às jovens um suporte psicológico e relacional e uma estrutura comunitária segura, que os mobilize para a ação e os apoie na concretização das atividades da associação. Esta proposta nasce da experiência vivida no Projeto *ECO*, através da qual nos apercebemos da importância da aprendizagem e da vivência entre gerações e do resultado dos encontros e da relação privilegiada com atores-chave da comunidade;
- Organização de atividades de formação e de aprendizagem não formal, em parceria com a Federação de Associações juvenis (como criar uma associação juvenil, como apresentar uma candidatura), apoiando os passos para a concretização, no horizonte largo de possibilidades de futuro do Projeto *ECO*, de uma possível associação juvenil e do desenvolvimento dos seus estatutos e plano de atividades. Na criação desta possibilidade de associação juvenil, os/as jovens poderão ter como base e referência os conceitos estruturantes iniciais do Projeto *ECO*, agora já recriados: *encontro com o Outro, afeto Inclusivo, arte cidadã, cidadania ativa*, e o conceito emergente *empreendedorismos*;
- Monitorização por parte da equipa do Projeto do plano de atividades da possível futura associação e ou grupo de jovens *ECO* e apoio à sua concretização;
- Apoio, numa lógica de *intervisão*, de alguns atores-chave da comunidade jovem, mas um pouco mais velhos que os/as jovens envolvidos no Projeto *ECO*, com experiência no desenvolvimento de projetos e que se encontram no processo de criação de uma associação juvenil na comunidade, na área da história e promoção do património local;
- Integração dos e das jovens *ECO* na dinâmica desta nova associação, que se encontra em processo de criação na comunidade. Esta experiência poderá ser

relevante para o exercício e desenvolvimento de competências, que poderão ser transferidas e aplicadas na criação da sua própria associação e ou no grupo de jovens *ECO*.

Reforçamos que os/as jovens *ECO*, no final deste troço do caminho, escolherão com liberdade as suas possibilidades de futuro. Esta possibilidade de associação juvenil surge no horizonte por se apresentar como uma forma de dar estrutura mais formal ao que virá. Contudo, na lógica aberta de Projeto, o grupo de jovens *ECO* escolherá a direção que, por vários fatores, poderá não ser a concretização efetiva e formal de uma associação, levando na mesma consigo toda a bagagem desta viagem *ECO*.

Voluntariado Jovem e Comunitário

Ao nível das experiências de voluntariado:

- Espera-se que os/as jovens possam dar continuidade às experiências vividas nas diferentes organizações da comunidade, aprofundando o seu compromisso com as mesmas;
- Perspetiva-se que estes/as jovens possam vir a realizar ações de sensibilização e promoção do voluntariado jovem na comunidade e na escola, bem como em diferentes contextos educativos e associativos dentro e fora da comunidade;
- Procurar-se-á que o Dia do Voluntariado seja celebrado na comunidade, através da organização de diferentes atividades, tais como uma Feira Comunitária: um lugar de encontro e de apresentação das diferentes possibilidades de voluntariado nas organizações da comunidade;
- Deseja-se, pois, que o Programa de Rádio *Deixa a tua marca* possa desenvolver-se e dar continuidade à promoção da visibilidade das experiências de voluntariado na comunidade da Golegã.

Para tal, procurar-se-á que tais contatos com possíveis contextos possam já ficar estabelecidos e as ações programadas na fase pós-Projeto. Espera-se, portanto, o reforço da relação com os parceiros, mesmo depois do Projeto terminar, definindo-os como parceiros da possível futura associação juvenil ou apoiantes do grupo informal de jovens *ECO*.

ECOANDO CONCEITOS ESTRUTURANTES DO PROJETO *ECO*

Encontro com o Outro e afeto inclusivo

O Encontro foi a base de todo o Projeto *ECO*: desenvolver capacidades humanas de relação, tomar a iniciativa de ir ao encontro do Outro, de incluir o Outro no afeto, de viajar entre o eu e o Outro.

Confiamos que estes encontros foram os primeiros passos para que as relações e as ligações entre diferentes pessoas e organizações da comunidade pudessem crescer e cimentar-se e que as redes de relação possam vir a desenvolver-se;

Procurar-se-á ainda que a página do Projeto possa continuar a ser dinamizada, através de estratégias de responsabilização partilhada;

No que diz respeito ao Encontro com as famílias da comunidade, perspetivamos que se possam criar viagens relacionais, atividades que possam estimular o encontro e a aprendizagem não formal entre gerações, através do desenvolvimento de uma Rede de Famílias Empreendedoras, com as famílias que fomos conhecendo;

Vários atores comunitários têm reforçado essa necessidade, pelo que se espera que se possa definir como uma dimensão estruturante para o futuro a criação de espaços de encontro não formais com as "Famílias *ECO*", bem como atividades de interação geracional e de formação entre famílias, ou seja, serem as próprias famílias a criar estes espaços de educação não formal com outras famílias: caminhadas de afetos, entre outras atividades;

Ainda no itinerário desta viagem relacional, esperamos que o grupo de jovens *ECO* possa vir a participar em Encontros e/ou outras experiências de âmbito europeu e internacional, através dos contatos com grupos informais de jovens e outras associações juvenis, com as quais fomos estreitando laços.

Cidadania ativa

Conscientes da amplitude desta dimensão, apresentamos aqui algumas possíveis atividades do Projeto *ECO*, associadas à participação política, numa perspetiva ampla:

- Depois dos contatos com as Juventudes Partidárias do concelho da Golegã, esperamos que o grupo de jovens *ECO* possa organizar, em parceria com estas associações, espaços de encontro, de esclarecimento e de partilha, em torno de questões concretas, importantes para o concelho da Golegã;
- Projetamos que representantes do grupo de jovens *ECO* possam, de forma regular, fazer ouvir a sua voz e apresentar as suas propostas nas Reuniões de Assembleia Municipal e nas Assembleias de Juntas de Freguesia do Concelho;

- Perspetivamos a integração de jovens *ECO* nas atividades e dinâmicas do Conselho Municipal da Juventude e a apresentação da proposta de participação de um/a representante deste grupo nas reuniões e dinâmica da Rede Social do Município da Golegã.

Arte cidadã

Desejamos que os encontros entre os/as jovens *ECO* e os/as artistas locais se possam aprofundar e cimentar e que estas relações e as novas aprendizagens em diferentes linguagens artísticas se possam constituir como o “trampolim” para a organização de novas atividades, nas quais o grupo de jovens *ECO* possa aplicar e concretizar as aprendizagens artísticas desenvolvidas, organizando *ateliers de arte cidadã*, em diferentes contextos da comunidade, sobretudo nas organizações onde se encontram a vivenciar experiências de voluntariado.

Perspetivamos que a atividade *Experimentum Jovem*, encontro entre artistas locais e de partilha e experimentação artística, se possa realizar com uma periodicidade mínima anual, e que esta possa iniciar e estimular uma nova dinâmica comunitária.

4. FINALE

Para finalizar o trajeto percorrido nesta publicação, queremos recorrer a um poema que uma jovem um dia trouxe como desafio para um encontro num outro contexto educativo do Graal, e que sublinha a importância dos “encontros” que se dão nos espaços verdadeiramente educativos:

Morrerás em breve.
É incontestável.
E quanta verdade morrerá contigo
sem saberes que a sabias.
Só por não teres tido a sorte de
num simples encontro
ou encontrão
ta fazerem vir ao de cima.

Vergílio Ferreira, *in* Pensar

Os/as jovens *ECO*, num simples “encontrão” fizeram vir ao de cima muita verdade. Na publicação *ECO-Jovem* poder-se-á ler sobre como se foi fazendo este “encontrão”. Está disponível também em formato digital no site do Graal, tal como o presente livro.

Onde irão os/as jovens *ECO*? Talvez como *Finale*, e numa perspetiva de homenagem aos/as artistas, fosse bom lembrar as palavras do poeta Friedrich Schiller do seu poema *An die Freude*, em que deseja que todos os seres humanos se tornem *Brüder* (irmãos). Poema musicado por Beethoven na sua *Nona Sinfonia* que tanto inspirou o desejo de ENCONTRO COM O OUTRO: • www.youtube.com/watch?v=4pbMUEHvoAo •

BIBLIOGRAFIA

- Delfgaauw, Bernard (1995). *Kierkegaard. Waarheid en menselijkheid. (Kierkegaard. Verdade e humanidade)*. Kampen: Kok Agora.
- Nussbaum, Martha (2010). *Not for profit. Why Democracy needs the Humanities*. Princeton: Princeton University Press. Disponível *online* em: www.bit.ly/1KUuUPk

WEBGRAFIA

- www.youtube.com/watch?v=4pbMUEHvoAo

VIII. ANEXOS

ANEXO 1. PENSAR-ENTRE

Em 2011 foi criada na Holanda a figura do “Pensador da Pátria”, um novo título da iniciativa da Revista *Filosofie Magazine*, em colaboração com a Fundação *Mês da Filosofia* e o jornal *Trouw*. A utilização do conceito “pátria” na formulação “Pensador da Pátria” talvez possa ser lida com um sorriso. Não é objetivo fechar a “pátria” entre muros, mas justamente ampliar o *chão* do território, abolindo fronteiras. Cabe ao “pensador da pátria” estimular a reflexão sobre as questões do território – terra dos antepassados e objeto possível de patriotismo e de desejo de propriedade exclusiva com muros à sua volta – numa dimensão cada vez mais planetária, inclusiva, solidária. De modo que o *chão* do planeta possa ser “pátria” ou “mátria” para todos e todas.

O papel desta figura é aproximar a filosofia da vida dos cidadãos em geral, com o objetivo de promover mais reflexão crítica acerca de problemas sociais complexos que condicionam a forma como construímos a nossa cidadania.

A filósofa e médica Marli Huijer, nomeada em 2015 “pensadora da pátria”, introduz o conceito *pensar-entre*, após os temas *pensar-contr*a e *pensar-com* explorados pelos seus dois antecessores em anos anteriores. O que é, segundo Marli Huijer, o sentido do “pensar-entre” e porque é importante?

No *pensar-entre* uma pessoa reflete tanto sobre o papel que desempenha no meio de outros, como sobre a forma como se estrutura o espaço entre pessoas. Quando alguma coisa acontece no mundo, como o ataque em Paris, concentramo-nos em geral apenas no que é inseguro e caótico. Enquanto filósofa quero virar isto ao avesso. Há tantos mecanismos de ordenação que nos fazem sentir em casa no mundo. Muitas vezes senti-mo-nos mais seguros em ambientes onde conhecemos as pessoas. Falar com alguém pode fazer maravilhas. Precisamos de [...] ver como podemos configurar o espaço público de modo que o medo não predomine. Isso é muito importante: a Holanda é cada vez mais diversificada, mas existe a tendência de permanecer no nosso próprio pequeno espaço, enquanto devemos nos movimentar juntos no espaço público. Só assim poderemos encontrar-nos sem preconceitos. • www.bit.ly/tjOeUri •

WEBGRAFIA

• www.filosofie.nl/nl/artikel/42603/marli-huijer-wordt-nieuwe-denker-des-vaderlands.html

ANEXO 2. ENTRE *CHRONOS* E *KAIROS*

Como estar com disponibilidade para o novo, o futuro, a promessa e dar passos para fazer frente às convulsões do mundo atual? A escritora e filósofa holandesa Joke Hermsen escreve no seu livro *Kairos, uma nova inspiração*, como na cultura grega, o futuro é considerado “não tanto como algo que está a nossa frente, mas como algo que nos empurra pelas nossas costas: ‘o futuro vem de trás’ ainda é hoje um ditado conhecido grego. O tempo é visto como um rio [...] no qual estamos de pé” (Hermsen, 2014: 19-20). Hermsen explora neste seu livro como no mundo de hoje é importante transcender a linearidade do *Chronos*, o tempo prático, reduzido a um tempo económico, que organiza as nossas agendas e não deixa espaço para o *Kairos*, o tempo da inspiração, o tempo do *entre*, do intervalo, “entre o passado e o futuro” como dizia Maria de Lourdes Pintasilgo numa conferência ao Graal: o tempo do hoje “onde se desvenda o sentido e onde se cria o sentido; movimento duplo” (Pintasilgo, 1982). Onde o passado, o hoje e o futuro se conjugam “na plenitude de um momento visionário”, que para Heidegger é o “acontecimento”, onde se revela a autenticidade do *Dasein*, em que a existência do ser humano no mundo se conecta com a plenitude do tempo (Hermsen, 2014: 12).

O tempo *Kairos* abre para o *entre*, passando pela fronteira-lugar-de-graça, como formula José Correia Frazão no seu livro, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*:

[...] a fronteira tornou-se, para nós, o lugar da graça – vivemos no confim, entre tempos, entre mundos, entre experiências, procurando mediar, criando pequenos pontos de contacto entre margens separadas, lugares de abertura e de compreensão, de estima recíproca, de entendimentos possíveis (Frazão, 2014: 90).

[...] a metáfora da fronteira – poderíamos substituí-la por limiar ou passagem – corresponde bem ao espírito de trânsito, ao mesmo tempo ligeiro e dramático, que caracteriza o nosso tempo. Trânsito [...] do sentido já dado para o sentido ainda a fazer (ibid.: 95).

“Quantas vezes o tempo é a nossa desculpa para desinvestir da vida, para perpetuar o desencontro que mantemos com ela?” pergunta José Tolentino Mendonça no seu livro *A Mística do Instante. O tempo e a promessa*. Também ele questiona o “*continuum* homogéneo do tempo”, o tempo *chronos*, que “não conhece a rutura trazida pela novidade surpreendente” (Tolentino Mendonça, 2014: 35), que não permita o duplo movimento de desvendar o sentido e recriar o sentido (Koning, 2014).

BIBLIOGRAFIA

- Frazão, José Correia 2014, *Entre-tanto. A difícil bênção da vida e da fé*. Prior Velho: Paulinas Editora.
- Hermsen, Joke J. (2014), *Kairos. Een nieuwe bevlogenheid. (Kairos. Uma nova inspiração)*. Utrecht: Uitgeverij de Arbeiderspers.
- Koning, Marijke de (2014), *Entre Mulheres. Gerir espaços - iniciar processos - gerar a vida*. Comunicação apresentada no IV Colóquio de Teologias Feministas *Francisco, vai e reconstrói a minha Igreja que está em ruínas*, no dia 15 de novembro no CES em Lisboa.
- Pintasilgo, Maria de Lourdes Conferência (1982), *Graal 25 Anos em Portugal*. Arquivo Graal.
- Tolentino Mendonça, José (2014), *A mística do instante. O tempo e a promessa*. Prior Velho: Paulinas Editora.

ANEXO 3: TEXTOS-DESAFIO PARA A CIDADANIA ATIVA

Texto-desafio 1

O primeiro texto-desafio é da Rosiska Darcy de Oliveira, (ver biografia em: www.academia.org.br/academicos/rosiska-darcy-de-oliveira) que coloca a nossa cidadania com os pés no chão dos limites da terra.

Este texto consiste em alguns excertos da nova introdução do seu livro *Elogio da Diferença*, reeditado em 2012: www.bit.ly/iLyOlmo.

• Entre Norte e Sul: partilhar o planeta terra •

[Em 2002] a ONU convocou, no Cairo uma nova Conferência Mundial sobre População, já que o crescimento populacional estaria representando uma ameaça global. [...]

E se a felicidade não fosse o consumo infinito dos bens? Como ser feliz? Nós, sobretudo nós, nascidos ao sul do dinheiro, ao sul do poder, ao sul de tudo, educados na ideia da inferioridade, na ideia da exclusão, na corrida de empatar com o parceiro que ganha sempre, nós que já entendemos as regras do jogo e subitamente nos perguntamos se este empate vale a pena.

É certo, somos muitos, seremos demais para os limites da terra. Uma população gigantesca, aspirando a comer mas também a micro-ondas e ar-condicionado. Para que os micro-ondas sobrevivam, para que não faça tanto calor, para que o norte seja o norte - a verdadeira civilização - seja o mundo, sejamos menos e, aí sim, vai dar para todos. Uma vez mais, as mulheres discordaram, olhando o mundo com um olhar feminino. Sabiam onde essa lógica ia desembocar. [...]

A população na sua espessura humana, não é um problema técnico, não é um objeto de estudo frio e inerte. A população são homens e mulheres cujas escolhas de vida definem o seu destino. Gentes às voltas com problemas, esses sim objeto de estudo: como assegurar a todos uma vida digna e feliz num planeta frágil e finito?

Ou mudam os padrões de consumo hoje tomados como definição da felicidade, ou massas incontáveis de pobres serão votadas à supressão. (...)

Do ponto de vista económico, esse mundo, em circuito fechado, é viável. Do ponto de vista político, não se mantém sem doses crescentes de violência e repressão. Do ponto de vista ético, é intolerável. Conviver com ele, em silêncio conformado, é uma cumplicidade que desqualifica toda e qualquer pretensão de construir uma convivência humana civilizada (Darcy de Oliveira, 2012: 25-27).

in Darcy de Oliveira, Rosiska (2012), *Elogio da Diferença. O Feminino Emergente*. Rio de Janeiro: Rocco LTDA.

Texto-desafio 2

O segundo texto coloca a nossa cidadania “com as raízes no ar”, entre as linhas do mundo digital, tão estruturante sobretudo da vida das gerações mais novas e portanto um desafio e uma questão incontornável no trabalho educativo no Projeto *ECO*.

• “EU DIGITAL” Login, logo existo? •

Passamos uma parte cada vez maior do nosso tempo “em linha”, trocando informação com outros e deixando atrás de nós uma crescente “pegada digital”. Mas em que pessoas nos transformamos quando estamos online? Enquanto cidadãos e consumidores, retiramos certamente benefícios desta troca de informação e do seu registo, que por sua vez tem um potencial enorme para as empresas ou as políticas públicas. Contudo, é preciso avaliar que perigos se colocam para a liberdade, a privacidade, a identidade e a segurança.

in • www.ffms.pt/conferencia-online/62/admiravel-mundo-novo_

WEBGRAFIA

- www.academia.org.br/academicos/rosiska-darcy-de-oliveira
- www.bit.ly/iLyOlmo
- <https://storify.com/ffms>

ANEXO 4. PARA UMA EDUCAÇÃO-NOT-FOR-PROFIT NUM ESPAÇO-ENTRE ADULTOS

Distraídos pelos objetivos de criar riqueza pedimos às nossas escolas para produzirem úteis fabricantes de lucro em vez de cidadãos reflexivos (Nussbaum, 2010: 141-142).

Para promover uma democracia saudável, Nussbaum faz uma série de recomendações para o que deviam ser prioridades nas Escolas: “desenvolver a capacidade dos alunos de olhar para o mundo a partir do ponto de vista do outro”; ensinar que “a fragilidade não é uma vergonha”, que os alunos podem, a partir das necessidades constatadas, desenvolver “atitudes de cooperação e de reciprocidade”; estimular “a compaixão para com a situação dos outros, tanto dos que estão perto como dos que estão a grande distância”; mostrar que não é preciso ter medo ou “repugnância de certas minorias”; dar informação para “acabar com os eventuais estereótipos e a eventual repugnância gerada por estes”; estimular a “responsabilidade pessoal” das crianças e jovens, tratando-os como “seres responsáveis pelo o seu próprio agir”; “promover a reflexão crítica, a coragem e a competência de exprimir uma opinião desviante” (ibid.: 45-46).

Martha Nussbaum refere como Tagore, que criticava o sistema educativo indiano, nos desafia enquanto agentes educativos com a seguinte alegoria:

Texto-desafio - A educação do papagaio

Um certo Raja que tem um bonito papagaio, convence-se de que ele precisa de ser educado e então convoca os sábios de todo seu império. Eles argumentam incessantemente sobre a metodologia e especialmente sobre os livros didáticos. “Livros didáticos nunca podem ser demais para o nosso propósito!”, diziam. O pássaro fica hospedado num prédio escolar bonito: uma gaiola dourada. Os sábios professores mostram ao Raja o método impressionante de instrução que eles criaram. “O método era tão excelente, que, em comparação, o pássaro apareceu ridiculamente insignificante.” E assim, “com o livro de texto numa mão e o bastão na outra, os pundits [professores especialistas] deram ao pobre pássaro o que apropriadamente podia ser chamado aulas”. Um dia o pássaro morre. Ninguém se deu conta durante algum tempo. Os sobrinhos do Raja vêm dar conta da ocorrência:

Os sobrinhos disseram: “Senhor, a educação da ave está concluída.” “Será que ele sabe dar saltos?”, perguntou o Raja. “Nunca!” disseram os sobrinhos. “Será que sabe voar?” “Não.” “Traga-me o pássaro”, disse o Raja. Trouxeram-lhe o pássaro para ele... O Raja apertava ligeiramente com os dedos o seu corpo. Apenas se ouvia como as folhas dos livros sussurravam no seu interior.

Fora da janela, o murmúrio da brisa da primavera entre as folhas recém-enxertadas da *asoka* tornou esta manhã de abril melancólica (ibid.: 70).

In Nussbaum, Martha (2010), *Not for profit. Why Democracy needs the Humanities*. Princeton: Princeton University Press. Disponível online em: <http://bit.ly/tQHNqAw>.

ANEXO 5. TEXTOS-DESAFIO PARA O TRABALHO VOLUNTÁRIO

Texto-desafio 1

• Voluntariado: serviço para e com o outro •

Defino voluntariado como a realização de trabalho profissional não remunerado. Ou seja, o agir de competências que desenvolvemos como traços da nossa identidade profissional, mas num contexto que não está inscrito na lógica do mercado laboral, e sim numa lógica da gratuidade e do serviço para e com o outro.

Encaro o voluntariado como a expressão livre, intencional e altamente política da minha utopia orientadora. Porque é como voluntária que me demarco da dimensão mercantil das minhas competências e saberes, é como voluntária que escolho com maior margem de liberdade o sentido da minha ação, os seus tempos e os contextos que a enquadram. Como voluntária posso também experienciar uma unidade integradora das minhas várias dimensões, porque não estou sujeita a imposições estruturais que segmentam e compartimentalizam saberes e afetos, convicções e expressões. A própria gratuidade do voluntariado é em si uma forma de expressão da utopia que refiro, uma ação inscrita apenas no ser e estar no mundo com o outro, presidida tão-somente pela vontade e intenção de ser e estar com o outro em construção. *Be the change you want to see in the world.*

Texto-desafio 2

• Voluntariado: uma forma de viver em pleno •

Falar de voluntariado é para mim falar de uma paixão. E não é esta uma paixão qualquer, que tenha crescido sem perceber muito bem de onde veio, como acontece com algumas paixões que vão surgindo na nossa vida e depois se vão desvanecendo...

A presença do voluntariado na minha vida poderá ter também traços de romance, mas antes de tudo começou com duas grandes motivações: o meu desejo de me colocar ao serviço do outro, ao serviço do mundo, e a minha consciência de que, enquanto pessoa que integra uma sociedade, que nela participa e vive, tinha o dever ou a possibilidade de ser parte ativa desta mesma sociedade, e colocar-me em marcha com ela, dando o meu - ainda que pequeno - contributo para o seu desenvolvimento.

Por conseguinte, o voluntariado é para mim uma das grandes faces da cidadania, e uma das mais válidas formas de a viver em pleno. Deste modo, é-me impossível dissociar do conceito de voluntariado o conceito de responsabilidade, pois ser voluntário

implica assumir um compromisso connosco, mas também com os outros, e por isso é fundamental que se tenha consciência de que o voluntariado não pode ser encarado como «algo para fazer nas horas vagas, quando se tem um tempinho extra», devendo ser entendido como um compromisso sério que tem que ser honrado. (...)

O voluntariado é cada vez mais para mim uma forma de estar no mundo e de me posicionar e intervir nele ativamente, enquanto agente de mudança (s), que ainda que pequenas se podem tornar grandes se formos cada vez mais, e se o trabalho que desenvolvermos se pautar cada vez mais para a elevação dos seus níveis de qualidade.

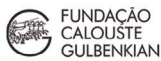
In Koning, Marijke de (2007), Trabalho voluntário, para uma cidadania que responsabiliza, in ex aequo, Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres no 16. Porto: Edições Afrontamento, 11-19.



INICIATIVA:



FINANCIAMENTO:



PARCEIROS:

